

Contos

As Três Marias
Concurso Literário sobre a Igualdade de Género 2024

contos

As Três Marias
Concurso Literário sobre a Igualdade de Género 2024

Ficha técnica

Título: As Três Marias – Concurso Literário sobre a Igualdade de
Género 2024

Edição: Município de Odemira

Local: Odemira

Data: 2024

ISBN: 978-989-8263-25-4

A CULTURA COMO PROMOTOR DA IGUALDADE

O Concurso Literário sobre a Igualdade de Género tem registado um percurso próprio desde 2013 para a promoção da igualdade utilizando a arte, mais propriamente a escrita, como instrumento.

Na edição passada, realizada em 2022, adotou o nome “As três Marias”, prestando homenagem à obra literária “Novas Cartas Portuguesas” no ano comemorativo dos seus 50 anos.

A arte e cultura são um estímulo à reflexão, à divulgação de vivências diversas, à oportunidade de observarmos e experienciarmos outras vidas, formas de estar e pensar, e neste sentido, um estímulo à compreensão e empatia.

É através da escrita de contos, numa amálgama diversa entre a realidade e ficção proveniente de escritores de vários países lusófonos, que este caminho se tem traçado. É com muita satisfação que alguns autores nos revelam que o próprio concurso foi uma oportunidade para exporem as suas ideias e trabalhos ao olhar do público pela primeira vez; e desta forma contribuirão significativamente para a reflexão sobre as várias dimensões inerentes à igualdade (ou desigualdade) de género na sociedade.

O nosso agradecimento a todos os autores, que neste ano superaram os 80 contos a concurso!

Por fim, é de sublinhar que esta iniciativa não seria possível sem a inestimável colaboração da CIG – Comissão para a Igualdade e Cidadania e da ASSESTA – Associação de Escritores do Alentejo a quem deixamos a nossa estima e agradecimento nas pessoas de Isabel Rosinha, Luís Miguel Ricardo e Maria Amália Costa, membros do júri da edição deste ano.

Isabel Palma
Vereadora da Câmara Municipal

VENCEDORES

1º lugar

A pele de dentro, de Bárbara Soares

2º lugar

Senhora dona, de Dulce Correia

3º lugar

1996, de Clotilde Correia

MENÇÕES HONROSAS

A férula, de José Almeida Lopes

As escritoras com mãos de vidro, de Judite Canha Fernandes

Ontem apenas, de Inês Antunes

contos

A pele de dentro

Bárbara Soares

Os espinhos das rosas brancas cravaram-se no peito de Emílio, rasgando a delicada renda do vestido de noiva que deslizava pelos seus ombros largos. De ramo em punho, a mãe avançou sobre ele, os dedos esmagando as delicadas pétalas das flores. Os olhos ardiam-lhe em fúria.

— Como te atreves! — gritou-lhe — a voz tremendo de raiva, enquanto desfazia o ramo de flores contra o corpo do próprio filho. Um fio de sangue denso e escuro escorreu-lhe sobre os pêlos do peito em direção aos botões do decote.

Emílio estava plantado no meio da sala de estar, o corpo de já-quase-homem forrado com o vestido de noiva que a mãe costurava para entregar, na próxima semana, à filha do Alberto marce-neiro. Estava praticamente terminado e Marta tinha-o deixado esticado no manequim antes de sair para ir ao mercado. Nas duas últimas semanas, costurara dia e noite para garantir que a peça ficaria pronta a tempo. Pronta e imaculada, virgem e pura.

E, agora, a peça ali estava - manchada. E ali estavam os três também - manchados. Ele, o filho, a sentir-se uma ela. Ela, a mãe, a sentir vergonha dele, o filho. E o vestido sem saber sentir o seu destino. Na parede ao lado da janela, o espelho enevoava-se de lágrimas. Ultimamente, não podendo fugir da sua pele, Emílio fugia dos espelhos. E Marta fugia do filho, não podendo já fugir de ser mãe dele.

O vestido de noiva caía sobre Emílio como pequenas cascatas de cetim branco, camada sobre camada, terminando numa saia rodada de folhos. Na parte superior, o corpete adornado com renda de ponto suíço acentuava-lhe os ombros despidos, emoldurando o colo numa mistura de bruta delicadeza. A sua silhueta era fina e rude, esguia e áspera. Despida. Assim vestido, Emílio não podia sentir-se mais nu. Assim exposto, Emílio não podia sentir-se mais invisível.

Por cima, os seus dedos agarravam-se ao vestido, sentindo a suavidade do cetim e a delicadeza da renda. Por debaixo, o tecido pesava sobre os seus quadris retos, tesos, incapazes de darem forma ao vestido. Por fora, as suas formas masculinas destoavam. Por dentro, o seu espírito feminino entoava. Por cima, o sangue, libertando-se, escorria-lhe pela pele. Por baixo, o seu sexo encolhia, o género murchando-lhe junto com a vida.

Marta atirou o que sobrava do ramo de rosas brancas para o chão. Rodeou Emílio e parou na suas costas. As mãos trémulas hesitaram por um instante. De costas, não via o rosto do filho. Por

segundos, desejou que ele fosse apenas um manequim inerte. Um pedaço de plástico rígido sem género. Sem qualquer confusão de género. Onde não coubesse dúvida, nem preconceito. Mas o que os olhos gravam, o cérebro não esquece. A raiva, a confusão, o medo, a vergonha, todos eles cresciam em Marta à medida que Emílio, e os seus sentimentos contraditórios, cresciam também.

A mãe deitou as mãos ao fecho do vestido, puxando-o com força. A patilha central deslizou pelos dentes de metal de cada lado da fita, o frio e o silêncio ecoando por todo o corpo de Emílio. Arrancavam-lhe da pele a promessa de quem poderia ser. Marta tremia. Frias, tremiam as suas mãos também. Mas as mãos não podem ter as mãos frias, é impróprio. Quase tão impróprio como o filho lhe parecia. Emílio manteve-se quieto, as mãos segurando já só a sombra do tecido que forrara os seus ombros, recusando-se a soltar completamente aquele momento, mesmo que soubesse que ele já estava perdido.

O vestido caiu no chão. Marta tirou os olhos das costas do filho e deixou-os cair também. Sobre o chão. Sobre o vestido. Durante muito tempo, a mãe quis enfeitar os olhos como enfeitava os vestidos. Empalá-los. Mas as palavras continuavam presas na sua garganta, pesadas, amargas, sem saída.

O espelho chorava. Marta também. Emílio, não. Sabia que as lágrimas não se esgotam quando nos doem. As lágrimas podem sempre esperar. Viu-se nu e virou as costas ao espelho, como se pudesse virar as costas ao presente. Viu-se nu - mais por dentro do que por fora. E viu a mãe nua - vestida por fora, mas sem roupa no coração.

O vestido haveria de saber contar mais sobre aquele gesto despido:

— Também eu te vi nu, Emílio. E tu a mim. — ecoou o vestido — Começámos juntos, tu e eu, eu e tu. Continuou:

Tu primeiro, vestido ainda, rondando-me. Eu, despido ainda, sem estrutura, nem alma.

Tu rondavas-me, olhavas-me, circundavas-me. E eu formava-me. Nascia de um sonho, de um esboço traçado a lápis sobre uma folha de papel branco. Dizem que o branco é a cor do vazio, cabe nele tudo o que se quer desenhar. Ou sonhar. Há quem desenhe no branco o que sonha, há quem sonhe com o que não é capaz de desenhar. No branco, o nada se revela. No branco, o nada não tem medo. Porque sabe que é do nada que tudo nasce. E eu nascia, devagar. Tu ajudavas. Primeiro, com os moldes, pediu a tua mãe. Papel alto, rijo, bege, crespo. Papel moldado, cortado a tesoura de pontas redondas, no meio do tapete vermelho da sala. Tu segurando, ela cortando, rasgando, estraçalhando. A seguir, sobrepuseram o tecido sobre os moldes. E, aí, tocaste a suavidade. A seda, pela primeira vez. Deitaste o teu corpo sobre o meu, ainda de papel. E quando te cobriste com os tecidos que iriam forrar-me a mim, sentiste a seda dançar-te dentro do corpo. Mas os meninos não passam as mãos por

vestidos. Muito menos os homens. Os meninos não dançam com rendas, muito menos os homens. Senti a tensão dos alfinetes que me mantinham no lugar enquanto tomava forma. Senti a tua tensão também, a que te obriga a manter o corpo de menino num lugar ao qual não pertence. Eu fui ganhando forma e tu foste rondando-me. Eu enfeitava-me, e tu ansioso de te enfeitares.

Tu invejavas-me.

Num vestido, o tecido é cortado de acordo com as peças de um molde; no teu corpo, não há molde que explique a diferença.

Em mim, vestido, as agulhas cozeram firmes o meu corpo leve; no teu corpo, a adolescência crava as agulhas da dúvida.

Num vestido, cozem-se flores; no teu corpo, as flores de dentro murcham com os espinhos de fora.

Tu invejavas-me.

Tu tocavas-me, também. Depois, começaste a tocar-te a ti próprio. Trocámos de lugar. Eu, um vestido já revestido. Com forma. Tu, um corpo a meia-forma, tentando despir-se das formas que lhe deram.

Tu sentias-me. Mas não te sentias.

— Diz-me, Emílio, foi por isso que me deixaste aqui caído no chão da sala?

— Eu não te deixei — respondeu Emílio ao vestido. — Fui encontrar-me. Desobedeci. Experimentei-te para me experimentar a mim. A ti, quem te veste tem um só género. A mim, quem me julga tem os dois. Em ti, o branco é permanente. Em mim, as cores flutuam com a noite. Por isso, experimentei-te de dia a mando da noite.

Naquela noite, os alfinetes levantaram-te o peito, prendendo o teu corpo ao manequim. Hirto, seguro, limpo. Também nessa noite os alfinetes levantaram o meu peito, cravando nele o peso do medo. Hirto, inseguro, manchado.

Naquela noite, acordei suado a meio do sono. O silêncio preenchia a casa como uma névoa densa. Não sei ao que certo o que me despertou, talvez um sonho agitado. Pelo meio da névoa, algo me chamava. Um sibilar lento e constante atravessava o ar, como se uma cobra invisível deslizasse sobre o vento. Descalço, escorreguei para fora da cama e pousei os pés sobre o soalho áspero de madeira. Sem fazer barulho, caminhei até à porta do quarto, rodei a velha maçaneta dourada e avancei pelo corredor escuro até à sala. O sibilar ia crescendo à medida que me aproximava.

Todas as casas são diferentes à noite. As sombras escuras fazem parar o tempo. E eu queria que o tempo parasse. Que eu parasse de crescer com ele. O grande espelho dourado da sala fazia refletir a única luz que existia, a luz da Lua. Vi naquele espelho muitos reflexos. Todos, menos o meu.

Noiva atrás de noiva, a mãe mostrava às clientes o crescimento perfeito dos vestidos. Prova atrás de prova, forma atrás de forma.

Aproximei-me do espelho devagar, sentindo o coração a bater forte, sem saber ao certo porquê. Parei frente a frente, a luz da Lua expondo no vidro um reflexo baço, ténue, tímido. Olhei-me. Cerrei um pouco os olhos para me ver melhor. A luz fraca da Lua ia aclarando. E, com ela, as minhas formas aclaravam também. Viam-se mais suaves, ondeantes, quase irreconhecíveis. Os ombros encolhiam, a cintura estreitava, as pernas alongavam-se, o peito aumentava e empinava-se. O cabelo crescia, em cachos ruivos. Passei a mão por eles, a medo. Tentei ajeitá-los de um modo diferente, mais feminino, como tantas vezes vi a mãe fazer com as noivas. Subi-los num coque apanhado que expusesse ao mundo o meu pescoço nu. Desviei o olhar para baixo, assustado. O coque assenta-me bem. Os caracóis também. Imitar as mulheres assentava-me bem. Ser uma delas também.

Quando a Lua se mexeu, o reflexo do espelho desapareceu. O reflexo que mostrava não apenas o miúdo que todos conheciam, mas a menina que existia no meu interior, esperando, talvez, por uma oportunidade de se revelar ao mundo. Atravessei o corredor de volta assustado. Cego, de olhos abertos, e assustado. Os olhos turvaram-se. As imagens do espelho permaneciam vivas na minha cabeça. Por vezes, nada nos assusta mais do que o nosso próprio reflexo. Sobretudo, quando ele é genuíno. E eu, Emílio, sou genuína por dentro.

Já de volta ao quarto, tranquei a porta com a chave dos suspiros e abri a janela da varanda. Queria voltar a ver a Lua. Precisava de voltar a ver a Lua. Renascer na sua luz. Queria voltar a sentir-me. Precisava que a Lua me devolvesse a mudança. Ou a esperança.

Estiquei-me. Despi-me e estiquei-me para expor todo o corpo à noite. Mas a Lua dormia. Agora, nem sinal do seu reflexo. Olhei para as mãos primeiro. Continuavam as mesmas. As juntas dos dedos a engrossarem, as unhas curtas e translúcidas, sem cor, sem verniz. Pelos braços que subiam, os pêlos continuavam a crescer, eriçados em fileiras desordenadas. Espalham-se ainda mais pelo tronco, debaixo dos braços e pelo meio das pernas. Gostaria de ter sardas, não pêlos. Piltarar-me de cores, não de pelagem. E os pés! Como crescem, desproporcionais ao resto do corpo, fazendo-me tropeçar em mim próprio. Observei o resto do tronco, toquei os meus seios, nada tinha mudado.

O sonho foi-se repetindo vezes e mais vezes. Acordava febril, aflito, suado, com os chinelos nos pés, já quase levitando, e as mãos agarradas à maçaneta da porta. Deixei de perceber se era o sonho que me acordava, se era eu que dirigia o sonho. Mas a Lua seguia dormindo. Assim que o seu reflexo fugia do espelho, o meu corpo de menino regressava. O de mulher fugia. A Lua dormia. A mãe também. Na outra noite, ouvi-a dizer ao pai que sou um desajeito. Para ela, a minha carne é desajeitada, não se alinha. Para mim, a carne é uma casca estranha e indesejada. A pele envolve-me como um casulo que não me protege. Já o vestido da sala, tem uma pele só dele, sem julgamento. Sim, invejei-te. Quem sabe se te experimentasse, não me darias um pouco da tua pele. Branca, pura, feminina. Por isso, umas semanas depois, quando as agulhas já te tinham cozido, experimentei-te. Aí,

a mãe já estava acordada. Mas a pele, afinal, ficou só a minha, aquela que já conheço.

Ontem, a bisá Maria apareceu no meu último sonho. Foi ela quem me disse para te experimentar. Eu gosto quando ela entra nos meus sonhos. Porque a bisá Maria diz que o corpo não tem lado certo. Porque, também ela, não tem o corpo todo.

Visto-me e saio enquanto toda a gente ainda dorme, incluindo a Lua. Pego na bicicleta presa à grade do portão e pedalo em direção à casa dela. A bisá sabe abraçar de olhos fechados. Nunca lhos vi abertos, mas ela diz que sente melhor assim, que vê melhor assim, com os olhos das mãos. Ela sabe como é costurar a esperança.

A Maria, Deus não lhe deu o nome. Antes se dizia que Deus se esqueceu dela, à hora da vida e um pouco mais tarde. À nascença, o pai atrasou-lhe o registo. Para se esquivar à multa de registar a criança dentro do tempo legal, deu como dia do parto um mês depois. Maria ficou trinta dias sem nome e sem Deus. O padre batizou-a a 21 de agosto e, duas décadas mais tarde, no mesmo exato dia, apressou-lhe a morte, denunciando-a à PIDE. "*Ordem de detenção por suspeita de atividades subversivas contra a ordem pública e a segurança do Estado*", lia-se no mandato que os policiais assentaram em cima da mesa.

Maria estava inclinada sobre a mesa de madeira da sua pequena cozinha, as mãos calejadas manuseando com precisão a agulha da sua máquina de costura enquanto alinhavava a bainha de um vestido de linho. O som rolante do fio de linha branca a deslizar pelos carretos da máquina e a perfurar o tecido espalhava-se pelo ar, misturando-se com o chiar de uma chaleira que fervia lentamente sobre o velho fogão a lenha. Pequenos estalidos saltavam do interior do fogão e do exterior do pedal da sua Singer. Nenhum deles, tão seco, porém, como o estalo que saiu do punho dos dois inspetores na porta da sua casa. As duas batidas soaram na portal de metal como uma pancada de morte. O som reverberou pelo chão de pedra e espalhou-se pelas paredes brancas e gastas. A porta, destrancada, deixou-os entrar.

Maria não parou. O fio suspenso a meio da costura, os olhos fixos nos carretos da máquina, as mãos firmes desenrolando o tecido em pressa. A porta abriu-se com um rangido violento e dois homens entraram no pequeno espaço, trazendo consigo o cheiro frio e metálico a vísceras remexidas.

Maria não parou. No centro, a mesa, que já tinha visto gerações de mãos trabalharem sobre ela, estava coberta de pedaços de tecido colorido, tesouras, carretéis de linha, alfinetes e uma vela derretida até à metade, cuja luz bruxuleava com a brisa que entrava pela porta agora aberta.

Eles não precisavam de se anunciar. Anunciaram-na apenas a ela.

— Maria dos Anjos Rodrigues — disse o agente da esquerda.

Vestia um uniforme de corte militar, preto, com botões metálicos, casaco e calças a condizer.

Sobre a cabeça, uma boina também preta, sem insígnias chamativas, reforçando o anonimato. As faces inexpressivas denunciavam a PIDE. O seu olhar era um vidro opaco, duro e vazio. O queixo cerrado, o rosto, reto e de linhas severas, parecia esculpido em pedra. Os braços, fortes, moldados na forja do fel.

Maria não parou. As mãos continuavam a rolar pelo tecido, o pé carregando no pedal que fazia os carretos da Singer gemerem. O silêncio queria espalhar-se pela cozinha. Adensar-se, apalpar-se. Mas a máquina continuava o seu canto mecânico. E Maria não parou.

— Maria dos Anjos Rodrigues! — repetiu o agente da direita, a voz firme e oca, dando um passo em frente e erguendo a ordem de detenção que trazia na mão.

Já sabem — Não, não parei.

As minhas mãos não hesitam. Nunca hesitaram, mesmo quando sabia que podiam conduzir-me a este dia, a esta hora. Os dedos movem-se com a precisão adquirida ao longo dos anos, enquanto o tecido desliza suave sob a agulha cintilante. Os dedos não tremem, só o coração. Os meus olhos permanecem fixos no trabalho diante de mim, concentrados, serenos. O som cadenciado da máquina serve-me de escudo. Sinto o olhar dos dois queimando sobre mim, impacientes, talvez até irritados pela minha aparente indiferença. Recuso-me a conceder-lhes o controle deste momento. Inspiro profundamente, sentindo o ar entrar nos meus pulmões. Sustenho o pouco que sobra o mais que posso, sei que em breve irei perdê-lo.

— Maria dos Anjos Rodrigues! — a voz azeda insiste, agora com uma nota de irritação perceptível.

As botas pesadas dão um passo em frente. A chaleira geme, apertada sob o calor. Eu aperto-me por dentro também. Mas não gemo.

— Está presa — disse a voz oca, largando sobre a mesa a folha que mencionava crimes contra o Estado, atividades subversivas e conspiração.

Já sabem — Não, ainda não parei.

Estou na minha cozinha. Enquanto não me levarem, quem dita as regras no meu território sou eu. Enquanto não me levarem, o *tac, tac, tac* da minha máquina continuará a ser a minha resistência. Por dentro das bainhas, costuro aquilo de que me acusam - a resistência. Para os olhos desavisados, eram apenas bainhas, costuras simples e discretas. Mas para os que conheciam o código - três pontos duplos na diagonal -, eram mensagens de esperança, instruções e palavras de apoio que chegavam a resistentes do regime. Bainhas largas onde cabem cartas, ordens, códigos dos outros camaradas que ainda resistem. Sou um correio de tecido. Enquanto só os homens podem distribuir cartas à luz do dia, são as mulheres quem costura as palavras que sobrevivem ao escuro da noite.

Tac, tac, tac. Não páro, não hesito, porque enquanto costurar, sou livre. Não estou a ignorá-los, não. Estou a lembrar-me de que, antes de qualquer coisa, sou uma mulher que trabalha, uma mulher que vive e luta com as ferramentas que tem. A máquina zumbe com força, insistente, como eu.

Eu suo. Quem diria: eles também, sinto-lhes o cheiro do suor azedo no ar. Se o medo tivesse cheiro, seria como um estranho toque doce de rosas mortas. E se os cobardes tivessem cheiro, seria igual ao destes dois aqui plantados.

Os segundos estendem-se, pesados como chumbo. A bainha completa finalmente a segunda volta de pontos e fica pronta. A máquina pára, eu também. Sorrio. Ergo o olhar lentamente, encontrando os olhos do homem da direita que pronunciou o meu nome com tanta insistência. Desligo a máquina, corto a linha, dobro o vestido com o cuidado de quem sabe o valor de cada fio, o valor de cada ato de resistência. Levanto-me devagar, sentindo o frio do chão sob os pés descalços. Encaro-os, de frente, onde mais lhes dói - nos olhos. A crueldade nunca encontra refúgio nos olhos. Os olhos são o espelho mudo dos corações sem calor. Nada digo. Nada disse enquanto me punham na traseira do Citroën preto. Ao longe, ouviam-se os sinos que o padre mandara tocar.

Continuei sem nada dizer desde que cheguei ao Aljube. Queriam nomes, locais, datas, moradas de clientes. Mas eu apenas costuro, não deduro. Começaram por me despedir as calças. As mulheres não vestem calças, gritavam. É verdade - não conhecia nenhuma na vila que o fizesse, além de mim. Na terra, no campo, na eira, vestíamos as funções dos homens, mas não lhes podíamos vestir as calças. Em casa, vestíamos as obrigações pelos dois, os filhos, a comida, as limpezas. Mas não lhes podíamos vestir as calças.

Deixaram-me os primeiros cinco dias nua numa cela, sem ver qualquer luz. A cela era um buraco estreito e sombrio onde o cheiro de ferro enferrujado se misturava com o cheiro da urina e dos dejetos. O silêncio era interrompido apenas pelo som das algemas e dos passos pesados das guardas que rondavam o corredor. Quando o som se intensificava na direção do nosso buraco, e a chave entrava no ferrolho, recomeçava a tortura assistida. As sessões de interrogatório decorriam sempre em salas diferentes. Porém, no mesmo formato: em pé por horas a fio, as mãos algemadas acima da cabeça e, sobre ela, a luz fria de uma lâmpada cegando-me, aos poucos, a vista.

As perguntas eram sempre as mesmas, uma e outra vez. A nenhuma delas respondi, nunca. As mesmas mulheres que não podiam usar calças tinham sido bem treinadas no silêncio, durante gerações. A cada soco que apanhei, deveriam achar que era o último ponto que me davam, como se cada murro descozesse as linhas da minha pele. Poucas semanas depois, a pancada electrificou-se. Prolongados choques elétricos sobre a pele molhada causavam uma dor que parecia desintegrar os meus ossos. Seguiu-se a privação de sono, as horas de vigília intermináveis que me mergulhavam num estado de exaustão extrema. Quando adormecia de cansaço, era acordada bruscamente por golpes de cassetetes, os meus gritos abafados pelos panos sujos que me enfiavam na boca. Nunca falei.

Os choques foram ficando mais próximos da vista. Lembro-me da escuridão progressiva,

como uma névoa que lentamente cobria o meu campo de visão. A princípio, era apenas uma mancha escura que aparecia aqui e ali, uma sombra na periferia. Os contornos dos objetos tornavam-se indistintos, as sombras confundiam-se com a luz fraca. Mas depressa essa sombra se tornou uma noite eterna, e a luz que eu uma vez conheci extinguiu-se por completo. A minha visão apagou-se como uma vela que se apaga num quarto sem janelas e, no silêncio absoluto que se seguiu, fui confrontada com o vácuo de uma existência sem cor, sem forma. Mas as minhas mãos ainda conheciam o hábito. Habituei-me à escuridão. Só nunca me habituarei a não resistir. Não deixei de costurar. Não tinha tecidos, nem agulhas, muito menos máquina mas, na minha mente, as costuras continuavam, bordando força e resiliência onde a dor se queria instalar. Mantive-me firme. O olhar fixo na escuridão, procurando o único reflexo que importava - o de quem sou, por dentro.

Tac, tac, tac, murmurei no dia em que os olhos se me foram de vez. Nesse dia, já não vi a luz da rua quando me libertaram, três meses depois da revolução de Abril. Abri os olhos para o céu, e o azul já não vi mais. Mas o meu coração continuava a ver, claramente, os caminhos da liberdade. Foi por isso que nunca falei.

Sinto-o chegar de bicicleta, as rodas espalhando-se pelo chão. Emílio vem depressa. Desde que ceguei, desde que me cegaram, aguçaram-se-me os outros sentidos. Abro a porta em antecipação. O vento traz-me o seu cheiro, sinto-o atravessar os pequenos degraus da entrada de pedra.

— Olá, bisa Maria — ouço-o dizer, a voz cada vez mais aguda e feminina. — Vim buscar a tua coragem.

— Menino — respondi, estendendo a mão na direção de onde vinha a sua voz — Vem cá, deixa-me sentir-te.

Ele aproximou-se. Toquei o seu rosto com as mãos, como fiz tantas vezes com os rostos daqueles que amava. Senti-lhe a pele macia, o contorno das suas bochechas aguçadas, as linhas finas dos seus lábios, e soube, no meu coração, que o que estava à minha frente era um jovem cada vez mais corajoso, em busca da sua verdade.

— Dizem que o teu coração vê o futuro... — disse-me ele.

Enquanto Emílio falava, os sons suaves da sua voz traziam-me o mundo que eu não podia ver. Contou-me o que aconteceu com o vestido e como o espelho lhe mostrou a prisão do seu próprio corpo, um corpo que não reconhece como seu. Eu, que conheci tão bem a prisão, compreendi.

Sentámo-nos os dois no degrau da porta. Descalcei-me. Ainda gosto de sentir o frio do chão sob os pés. Faz-me lembrar que o calor vem de dentro.

— Maria, como posso ser quem sou se o mundo insiste em ver-me de outra forma? — perguntou Emílio, a voz meio entupida pela emoção.

— A liberdade não é dada, Emílio, é conquistada — respondi-lhe. — Mesmo a do nosso corpo. Porque a sociedade não nos vê pelos nossos olhos, mas sim pelos olhos de cada um. Os olhos onde o preconceito e a desigualdade também vivem.

Senti Emílio segurar as minhas mãos, os dedos firmes, como se quisesse segurar a própria vida naquele toque. A textura do tempo estava ali, entre os nossos dedos.

— Eu vi o mundo por muito tempo através dos meus olhos, mas quando ceguei, restou-me passar a vê-lo com o coração. Foi assim que descobri que a verdadeira liberdade conquista-se na resistência, independentemente do como os outros nos querem ver. Resiste. Luta por ti. E se o mundo tentar cegar os teus sonhos, conta com os olhos do coração para te guiarem.

— Tu és quem és, Emílio, e eu sempre soube disso — continuei. — Não é necessário que os teus olhos te mostrem quem tu és, assim como os meus olhos não me impedem de ver o que é verdadeiro. O que importa é o que sentes no coração.

Emílio soluçou um pouco, mas continuou firme. Senti-o ajoelhar-se à minha frente, o peso da sua presença agora ainda mais junto a mim.

— Eu tenho medo, Bisa. Medo de não ser aceite, medo de não ser compreendido. Eu sou... sou quem sou. Eu... sou o medo.

Eu sorri, mesmo sem poder ver o seu rosto. Suspeito que sorri até mais por não poder ver o seu rosto. E continuei, segurando as suas mãos ainda com mais força, percorrendo com as minhas mãos velhas cada um dos fios da sua pele jovem.

— Quem vive com medo, não vive. Sobrevive. Se eu, sendo mulher, enfrentei a luta com a garra de uma e fui sentenciada como um homem, por que não pode o teu eu-homem ser tratado com a dignidade de uma mulher? A aceitação começa em ti. O que o mundo vê ou deixa de ver é reflexo do que nós lhe mostramos.

Senti a sua respiração aproximar-se e aquecer-me. Emílio abraçou-me. E eu soube, naquele momento, que ele estava pronto para enfrentar o mundo, tal como eu fizera anos antes. Naquele abraço silencioso, senti que minha luta, a luta de tantas mulheres e homens que se recusaram a curvar-se à opressão, às regras, ao conformismo, não tinha sido em vão. Ela continuava, agora, na busca de Emílio por ser quem ele realmente era.

— Nunca deixes que a escuridão dos outros apague a luz que carregas dentro de ti, meu querido. A tua jornada não será fácil. A jornada dos que resistem nunca é fácil. Mas não estás sozinho. Somos feitos da mesma fibra, costurados pelos mesmos sonhos de luta. Eu vivi num regime que não admitia sonhos. Admite tu, os teus. Não lhes resistas, resiste aos outros.

Tac, tac, tac. Lá dentro, a mesma máquina de costura permanece intacta. Em silêncio. Mas Emílio jura que ouviu um *tac, tac, tac.* De agulhas que costuravam não um vestido, mas o seu futuro, a sua pele de dentro.

Emílio desabraçou-me. O calor das suas lágrimas caiu sobre as minhas mãos. Senti-o par-

tir, regressando na sua bicicleta, as rodas afastando-se pelo chão. Emílio. Ou Emília - seja ele quem quiser ser. O calor das minhas lágrimas abraçou as dele. A aceitação é um processo contínuo, uma costura que jamais se completa. Nela, a igualdade só se costura com fios de coragem e verdade.

Senhora dona

Dulce Correia

Certa freguesia está em polvorosa, especula-se sobre quem serão os novos ocupantes da casa senhorial e qual será o destino das terras esquecidas, uma fonte inesgotável de suposições.

A curiosidade imiscui-se.

Eles encostam-na ao balcão da tasca, «Talvez fidalgos? É gente com posses.», ou esgotam-na nas vinhas e nos campos, «Senhores ou patrões, o trabalho é nosso.», elas experimentam-na no tanque comunitário, «Conseguirão viver numa ilha?», ou dispensam-na nas margens da ribeira, «Os ricos podem voar daqui para fora, a ilha somos nós.».

Ninguém imagina outra realidade.

Tudo lhes parece normal.

No entanto, a parteira percebe o futuro e decide afastar-se, recusa assustar alguém ou alimentar superstições. Deixa as restantes mulheres sozinhas umas com as outras.

Escolhe calar-se.

Encontra a avó dos recém-nascidos sentada à mesa da cozinha, «Bebamos à saúde do meu neto.», dirige-se à anciã com o devido respeito, «Minha senhora, nasceram gémeos, um menino e uma menina.», o silêncio é imediato.

Obedece, cumpre a ordem.

A parteira concentra-se nas próprias mãos, é-lhe impossível fitar a senhora dona, «Ele seguirá o seu pai, ela aprenderá connosco.», escuta o brinde. Mergulha os olhos no copo vazio. Pensa uma interrogação, «Connosco?».

O ambiente bafiento da taberna contrasta com a chuva ininterrupta além da porta, os homens saturam-se em vinho de cheiro para lhes bastar a repetição do quotidiano. Uma chegada inesperada transforma a disposição dos fregueses em surpresa, reconhecem o capataz ao seu lado, por que alguns veem o proprietário das terras pela primeira vez.

Instala-se o silêncio.

Sua senhoria garante a distância de segurança própria das convenções sociais, mantém-se afastado do balcão. Sem alterar o semblante, ordena uma rodada de aguardente, expressão natural do privilégio. O capataz serve-lhe o primeiro copo, a garrafa partilha-se até preencher os restantes,

ninguém se atreve a beber.

Toma a palavra.

«Celebremos. Nasceram-me filhos, os primeiros insulares da família, um menino e uma menina.», a tónica colocada na última palavra carrega o desprezo comum, traga a aguardente num ápice, um costume masculino.

Os bebés impõem um novo quotidiano a todas as mulheres da casa grande, serviçais e senhoras revezam-se na garantia da sobrevivência, umas e outras recuperam tarefas intemporais. Persistem nos encargos acrescidos das rotinas femininas.

Ao escutar o diagnóstico de mudez da gémea, o progenitor acende um charuto e ordena à esposa que soluçe noutra espaço, concentra-se no discurso clínico, «A menina consegue ouvir, percebe tudo à sua volta.», substitui o sentimento de alívio pelo cálculo do futuro.

Sua senhoria semicerra os olhos, «Tanto melhor, terá algum préstimo.», conclui entre densas baforadas, «Pode dar-se o caso de ela ser pobre de espírito...», impede o médico de continuar, interrompe-o com um gracejo, «Naturalmente, é mulher.». Trocam gargalhadas sinceras.

Enquanto crianças, os gémeos revelam-se cúmplices, ela num manso silêncio e ele no comando, o centro do universo doméstico.

O tempo agudizará as diferenças.

A menina agarra o xaile da avó, tem os olhos pregados em quem as antecede, é pequena demais para conseguir ver o padre, concentra-se nas costas do pai e do irmão, o discurso proferido em voz alta é-lhe incompreensível.

Na igreja existem procedimentos. O sacerdote conduz a eucaristia em latim. Fregueses e freguesas sentam-se segundo o género definido. A organização dos lugares corresponde à estratificação social da freguesia.

A criança intui o sagrado no silêncio cerimonioso dos outros, quebram-no em gestos repetidos e com palavras exatas, ela presente algo inefável. Inatingível. Impossível. Cerra os dedos na bainha anciã até a missa terminar.

Educar um herdeiro pressupõe a atenção adequada, o investimento necessário, a instrução deve ser rígida, pauta-se pelo estrito cumprimento do normativo social — o progenitor segue a recomendação da família paterna continental. Contrata um perceptor.

Termina a infância dos gémeos.

O patriarca supervisiona o trabalho do educador em cada almoço de domingo, «É um aluno excecional, o seu desempenho é exemplar.», obriga-o à exposição de um relatório semanal perante a família, «Demonstra mestria na leitura e na escrita, acurácia nas matemáticas e ciências.». O re-

lato acontece entre a sopa e o prato principal, até ao final da refeição prevê-se o futuro do rebento, fulgurante.

Embevecido pelas palavras do percetor, o pai pondera conceder ao rapaz uma recompensa. Num domingo de Páscoa, revela a intenção benemérita durante a sobremesa, propõe-se a realizar qualquer desejo ao filho, comunica-o perante a família alargada. Estranha a calma do menino. Surpreende-se. Ele pede-lhe autorização para a irmã presenciar as lições.

Sem referir o nome da filha ou dirigir-lhe sequer um olhar, procura demover o rapaz, «Ela será como um burro a olhar para um palácio, contudo, os burros zurram.» Mas cede à exigência do primogénito, «Há um limite nesta minha indulgência, o aparecimento das regras.», sente-se magnânimo.

O tempo passa.

Os serviços do percetor são dispensados, o progenitor atribui a cada gémeo o predestinado.

O varão segue rumo ao colégio militar no continente, prevê-se a conquista de um futuro brilhante, a ela cabe-lhe ser orientada pelas outras mulheres até dominar o universo doméstico e ser capaz de ocupar um casamento.

Durante o primeiro ano de afastamento, as cartas trocadas pelos gémeos asseguram continuidade na relação fraternal. As missivas do rapaz cessam por imposição paterna, justificada num absoluto.

Protegida pelo sono dos outros, Maria Aurora permanece constante e repete as leituras das obras estudadas, certa noite encontra uma frase anotada pelo percetor, “‘Ninguém pode tirar-nos aquilo que aprendemos.”, as seis palavras obrigam-na a começar um diário.

Escreve-se consigo própria.

Devido ao internato do varão, o progenitor inclui na sua rotina uma deslocação extra ao continente, viaja sozinho. Em Lisboa, o patriarca reúne-se ao primogénito e rumam ao interior do país, aí passam duas semanas com os familiares da província, estreitam laços.

Até completar-se o mês destinado à viagem, cumprem o legado das gerações anteriores, «Um homem tem necessidades.», nas salas de jogo ou nos bordéis, «Pagamos e pronto.», o pai estabelece e transmite a conduta, o rebento obedece sem questionar, perpetuam-se ambos no conforto da tradição.

A cada regresso do continente, o patriarca assume uma particularidade insular, ordena a entrega de caixotes repletos com encomendas, armazena favores de uns ou investe na miséria de outros, tudo depende da margem de lucro. Permanece o fiador da freguesia. Cumpre a ordem estabelecida.

O corpo da defunta é velado a noite inteira na capela da família. O varão permanece ao lado do pai, cópia nas feições e no semblante grave, adequado à circunstância. As tradicionais carpideiras

foram dispensadas por ordem do patriarca, paladino da sobriedade, avesso a determinadas expressões da ruralidade. Indiferente às tradições femininas.

No lado oposto ao do patriarcado, avó e neta mantêm as mãos entrelaçadas, testemunhas presentes. Os olhos da jovem espelham orfandade, procura um sinal da infância no rosto do irmão. Indiferença. Aurora fita-o como se lhe pudesse falar, insiste. Sente um aperto na mão, desiste. Enterra o olhar no caixão e solta-se da velha, segura num rosário.

O céu cinzento cobre a cerimónia fúnebre da manhã seguinte, condiz com o semblante dos presentes, emoldura a expressão respeitosa das autoridades e enquadra o decoro das familiares chorosas. As palavras do sacerdote amplificam a solenidade do momento, abafam os soluços das serviçais, aceitam como a chuva cai de mansinho.

A velha senhora dona sente um calafrio quando o genro entra na sala de costura, um espaço estranho à presença masculina, sobe bainhas aos vestidos da defunta, justificara a despesa extra em agulha e linhas com a puberdade de Maria Aurora.

Concentra-se na distância exata entre os pontos, «Um convento na ilha grande, aí ela aprenderá a ser uma boa esposa.», deixa a agulha em repouso, «Estou a zelar pela sua saúde, minha sogra, terá menos afazeres.», tem a neta cerzida no pensamento.

A anciã conhece os limites impostos. Sabe da crueldade ignorante dos homens. Escolhe as palavras com cautela, mas a voz trémula denuncia o quanto a menina lhe é importante, implora em vão.

A madre superiora lidera o percurso, atravessa o claustro em direção à parte menos utilizada do edifício, a jovem segue a religiosa. Prosseguem até ao fundo de um corredor, o silêncio perturba-se no som abafado dos seus passos, o roçar do hábito em movimento.

Meses antes, a madre recebera a visita do pai daquela jovem, ele viera estipular as condições para a estadia da filha. O homem começara por explicar-lhe como a mudez da jovem não lhe retirara o entendimento próprio das mulheres, referira também o facto de ela saber ler e escrever, aprendizagens sem qualquer préstimo para a sua condição, portanto.

A religiosa estaca defronte de uma porta, murmura uma pequena oração e encara Maria Aurora, «Esta é a biblioteca, ficarás encarregue da sua limpeza e arrumação.», vê o rosto da muda abrir-se num sorriso, «Será a tua tarefa diária, para a cumprires estarás sozinha todas as manhãs.», deposita-lhe uma chave na mão.

A madre superiora ouvira os termos e as exigências do patriarca, complacente anuíra com os vocábulos apropriados, chegara mesmo a registar algumas das indicações no seu caderno, incluindo o valor de uma generosa contribuição.

Maria Aurora multiplica-se todas as manhãs, lê para escrever o quotidiano interno em pequenos cadernos, recria-se. Fora da biblioteca assume a constância dos estoicos, cumpre a regra

num estado próximo do êxtase.

O tempo não para.

O progenitor recusa-lhe o ingresso na ordem, intima-a ao regresso definitivo. Ela abandona o convento acompanhada por malas e algumas caixas, estas transportam apenas livros, cortesia da madre superiora.

Apesar de tudo, Maria Aurora tem fé.

O ritmo lento da viagem de regresso permite-lhe apoiar-se na balaustrada do navio em cada ocaso. Segura o telegrama recebido no dia anterior, assistirá a um funeral imprevisto, tem nas mãos a notícia da morte inesperada do irmão.

Ela acredita num Deus misericordioso.

Dias após ver o gémeo sepultado, duas palavras ocupam-lhe o pensamento, «Trará livros?», escuta o pai comunicar-lhe o destino em voz alta, a união com um parente distante, as normas da sua vida futura.

Se recorda o almoço de noivado, «Mesmo sem considerarmos o aspeto económico, o seu filho será quem mais beneficia... uma esposa muda. Haverá maior ganho?», sustém a respiração. Obriga-se a inspirar. Sempre.

Apesar de tudo, Maria Aurora tem esperança.

As freguesas coscuvilham sobre os preparativos na casa grande, «Vem gente de fora para o casamento.», confirmam o presumido acerca do regresso da muda, «Não fala, mas tem dinheiro, conseguirá um bom partido, gente fina é outra coisa.», comentam, preveem-lhe o futuro.

Umaz regozijam-se na semelhança, «O irmão herdava tudo, agora herdará o marido.», as sonhadoras intuem, «Nem só de pão vive o homem, ninguém sabe dos pensamentos dela.», nenhuma imagina outra realidade.

Maria Aurora sabe-se abençoada. Faz-se amar pela constância dócil da sua presença transparente, se falasse tornar-se-ia concreta na companhia das outras mulheres. Dir-lhes-ia o impossível. O silêncio é uma bênção.

O nascimento do filho permite-lhe começar uma biblioteca, aliviado pelo chorar da criança, o marido condescende.

Maria da Esperança

O primeiro oficial fuma.

O outro graduado limita-se a olhar o mar, tem a mão esquerda pousada na balaustrada e a direita segura num telegrama. Sem deixar de fitar o oceano, repete as palavras exatas da morte anunciada da mãe, a sua voz ondeia. O fumador sabe ser seu dever confortá-lo, também sabe como a morte lhes preencherá o quotidiano no futuro próximo, prefere calar-se.

Quem mata morre por dentro.

O segundo oficial cerra os dentes ao silêncio do primeiro, dobra o telegrama para guardá-lo junto ao peito, inesperadamente, um solavanco lança o papel ao mar e a água engole as palavras. Ele pressente o inexplicável, pensa na mãe transparente, uma presença invisível. Silente, o primeiro oficial estende-lhe um cigarro, a impressão desaparece.

Quem morre mata por dentro também.

O navio quebra as ondas, contraria o movimento oceânico impulsionado pela combustão dos motores. A embarcação mancha o azul circundante com o fumo espesso das chaminés, enegrece o céu turquesa.

Os dois oficiais fumam.

És a mulher esquecida nos retratos antigos, os teus olhos míopes estão camuflados por grossas lentes, só eu conheço o segredo do teu rosto inexpressivo de pretérito mais-que-perfeito. Agora sei. Sei das tuas palavras e consigo ler-te por dentro, mas inexistes. Desconheço o filho sobre quem escreves.

O progenitor está orgulhoso, o exército devolve-lhe um homem livre da influência materna, predisposto ao fardo quotidiano da sociedade civil. Nos almoços de domingo, elogia a manutenção dos territórios africanos, tece loas aos heróis combatentes, perpetua-se a tradição. Presença obrigatória, o pároco reforça uma verdade absoluta inexorável, a justeza da evangelização portuguesa.

Nenhum deles compreende, o oficial nunca regressou da guerra. Ninguém o faz.

O patriarca integra o herdeiro na gestão dos negócios e na administração das propriedades, ensina-o a pertencer à freguesia, «Atenção, nasceram para servir.», orienta-o, aprecia o cumprimento inquestionável das suas ordens. Envelhece. A proximidade da morte transforma-o num acamado, o passado desinstala-se do seu cérebro confuso, ocupado pela demência.

Escuta Maria Aurora nas vozes das serviçais, pede misericórdia.

A biblioteca. Esperei pela morte dele para conseguir entrar no teu espaço. Tenho memórias difusas deste lugar e percebo-o ao correr as pesadas cortinas, as lombadas cobertas de pó iluminam-se. Abro as janelas, o sol desaparecerá em breve no horizonte, a memória da tua presença está comigo. Habita-me.

Perguntam-lhe por que escreve, ela responde com as palavras adequadas às circunstâncias, apresenta a insularidade como motivo ou a condição feminina como razão, depende do público.

Interrogam-na sobre a sua interpretação original da realidade histórica, retorque com a importância do olhar divergente das mulheres — motivado pela especificidade de uma marginalização

milénar aparente, esclarece.

Se indagam acerca do motivo para ter começado a escrever tão tarde, não responde ter esperado pela morte do pai, sublima a experiência da maternidade como catalisadora.

Encontras-me no pátio, tenho o jornal aberto na secção de desporto e o costume do cigarro entre os dedos. Perguntas-me se sei dos diários escritos pela minha mãe, pouso o periódico e respondendo-te tê-los descoberto quando regresssei da guerra. Consigo ouvir-te a pensar. Sentas-te a meu lado. Perguntas-me se os li, desvio o olhar do teu rosto, a sofreguidão repugna-me.

A menina segura a mão do pai com firmeza. Ostenta um sorriso, ouve o sacerdote sem lhe compreender as palavras, nessa sua expressão infantil há um inusitado semblante. Vitorioso. Ela aguarda um momento oportuno, concentra-se nas feições do velho padre, faz-lhe uma careta descomunal.

Na igreja os procedimentos existem.

A eucaristia conduz-se em latim. Os lugares obedecem à estratificação social. Fregueses e freguesas sentam-se segundo o género adquirido, exceto a menina senhora dona Maria da Esperança.

Em cada primavera ela limpa os diários da avó, substitui o papel japonês envolvente, queima os cadernos sem préstimo por ser meticulosa. Exige a solidão absoluta para trabalhar nos seus manuscritos. Prefere o período da manhã.

As suas obras acumulam prémios, honras literárias.

O périplo da lusofonia, o nome de família e o prestígio adquirido levam-na até à ilha grande. Aceita o convite da universidade e leciona um seminário subordinado à literatura insular, transforma-o numa pós-graduação.

Na academia aperfeiçoa a arte da ilusão, insufla-se-lhe o ego desmedido. Aprende a orientar estudantes de mestrado, incorpora os procedimentos universitários, faz-se professora doutora. Exerce poder e cumpre a ordem estabelecida no mundo, apropria-se.

A mãe adoce. Maria da Esperança crê poder redimir-se, «Dedicar-me-ei em exclusivo à carreira académica.», encontra um pretexto para deixar de escrever ficção, inventa-se penitente por prescindir da fama internacional.

Justifica a decisão nos media ou perante o público, «Ser original é impossível, escreve-se sempre o mesmo. Outros escritores poderão fazê-lo, mas eu não.», recusa minorizar ou banalizar a literatura.

Regresssei morto por dentro, incapaz de amar, olhei-te no dia em que nasceste, queria ter sentido outra coisa, carne da minha carne, sangue do meu sangue, és-me estranha. Para esconder a

minha indiferença, coloco-te no centro do universo familiar, recuso-te os limites das outras. Se fosses homem serias um monstro.

Maria do Rosário

Maria da Esperança suspira. Tira os olhos da janela para os deixar cair na capa do livro depositado no seu regaço. Pragmática, pretende aproveitar a viagem para rever literatura, lidará com a mais recente crise da filha quando chegar ao destino.

A passageira sentada ao seu lado espreita-lhe a futura leitura, «Continua a ser uma obra pertinente.», ela fica impotente perante a intromissão da velha senhora, o livro permanecerá em depósito.

Ouve um testemunho feminino do repúdio pela ditadura, «O texto foi escrito a três mãos, desconhecia-se quem escrevera o quê, assim resistiram à polícia política.», escuta as normas estritas, aprende sobre o exílio, «É uma obra essencial para o feminismo, incontornável.», descobre as manifestações internacionais de apoio às autoras.

O avião trespassa as nuvens e cobre-se de reflexos luminosos, impulsionado pela combustão dos motores, mancha o circundante com o combustível, invisível para quem viaja no céu azul. Maria da Esperança sente alívio, o piloto comunica a aproximação ao aeroporto continental, a sua companheira de viagem cala-se por momentos.

As balelas socialistas da velha aborrecem-na. Aproveita a comunicação do comandante para liderar a conversa, «Tem filhos?», sorri perante a resposta negativa da outra e mente sem hesitar, «Eu tenho três meninas, três Marias.», sem qualquer tipo de pudor. Tem uma intenção.

Fita o outro rosto feminino, «Escolhi ser mãe cedo, a partir de certa idade é quase impossível.», compraz-se no sorriso forçado dela, «Ser mãe é um dom, completa-nos.», delicia-se a cada palavra, «Também é uma opção. Mas é a única forma de perpetuarmos os nossos ideais.», deleita-se.

Maria da Esperança suspira. Desde o momento da aterragem, o movimento do tapete da recolha de bagagem cria falsas expetativas, os passageiros amontoam-se. Sentada num dos bancos de aeroporto, observa o rosto vencido da velha, diverte-se.

Na estação de comboios, Maria do Rosário aguarda a mãe.

Rumar ao continente para ingressar na vida académica fora sempre um objetivo, o curso de medicina nem por isso, mas ela não quer gorar as expetativas familiares. Repete o primeiro ano pela segunda vez, deve justificar-se perante a progenitora.

Será a mesma conversa do ano passado, dir-me-ás como sou uma desilusão e o quanto desrespeito a família, repetirás como desperdiço o meu futuro. Tenho a obrigação moral de ser melhor. Mas não sou.

Maria da Esperança confronta a filha, ela responde sem conseguir olhá-la, «Estamos juntos há seis meses, eu... eu sabia do casamento.», seria pouco inteligente interrogá-la além do óbvio,

«Mamã, desculpa ter guardado segredo. Tive medo de perder o teu respeito, tentei poupar-te a mais uma desilusão.», precisa de avaliar a dimensão dos estragos, obriga-se à escuta ativa. Consegue ouvir o pensamento dela.

Em cada manhã de domingo, o predeterminado feminino ou masculino permanece a norma geral da distribuição de lugares na igreja, a freguesia insular representa-se no espaço. A senhora dona Maria da Esperança mantém-se na fila da frente.

Maria do Rosário prescinde da visão privilegiada para o altar, olha o rosto da mãe numa adoração própria das crianças, completará seis anos no mês seguinte. O colégio interno está à sua espera.

A menina procura a mão da progenitora, encontra um olhar severo de repreensão, puxa-lhe a manga do vestido com delicadeza e recebe uma pancada seca. Suporta a dor para não ser invisível.

Precisa de saber sempre onde Rosário está, acede ao seu correio eletrónico, «Tenho medo de perder-te, sem ti a vida seria insuportável.», consulta-lhe o telemóvel todos os dias, sujeita-a a sucessivos interrogatórios, «Na biblioteca? Até agora? Com quem?», ela responde. Sem hesitar.

Maria do Rosário pode mandá-lo embora, «Eu vou procurar ajuda, eu prometo, meu amor, vou procurar ajuda.», deve pedir-lhe para sair daquela casa, precisa de cumprir com as exigências da mãe. Prefere fazer jus ao seu nome. E ao dela.

Espera a mãe na estação de comboios. Outra vez.

Está de pé na companhia dos restantes transeuntes, o peito apertado em ansiedade nervosa, as mãos cerradas nos bolsos do vestido. Dois semestres sem aproveitamento, ela agira no sentido contrário ao prometido no ano anterior. E no precedente. Morde os lábios.

Ouvirei o teu discurso, admitirei ser uma desilusão e o quanto desrespeitei a família, reconhecerei como desperdiço o meu futuro, chamar-te-ei mamã. Prometerei recuperar.

Esperança constata como a filha sobrestima a própria inteligência, «Vou retomar as aulas no próximo semestre, mamã, verás como recupero o tempo perdido.», e subestima a materna, «Devia ter estudado mais para os exames, mas tem sido difícil assistir a todas as aulas.», suporta a toada do costume, os olhos lacrimejantes, a voz tremida. Amadora.

Rosário ouve a porta da rua fechar-se, a chave rodar na fechadura. Respira com dificuldade, calcula o nariz partido, talvez uma fratura no maxilar, «Sabes como eu fico quando regressas às aulas.», as habituais palavras de arrependimento. Mantém os olhos fechados e escolhe acreditar nele. Permanece caída.

Recordar a voz de Maria da Esperança golpeia mais fundo, «Envergonhas-me, manchas o

nome da família, já passaram cinco anos.», as palavras dela esmurram-na, «O teu egoísmo é humilhante.», deitam-na ao chão e pontapeiam-na, «O curso tem de ser a tua prioridade, esse homem é um vulgar parasita.».

Se pudesse, Maria do Rosário espancava a mãe.

Na estação de comboios.

O rosto exausto de Rosário fita os carris, senta-se enquanto espera a progenitora, as linhas do caminho de ferro estendem-se e parecem-lhe infinitas. Esgotada e sem mentiras disponíveis, pondera uma solução definitiva. Levanta-se decidida e avança três passos, o choro de uma criança interrompe-a.

Confirmarei as tuas desconfianças sobre a violência, aceitarei a soberba da tua expressão, resistirei ao teu ar triunfante sem lacrimejar. Invocarei a frustração dele, a insegurança persistente, o arrependimento sincero. Pedir-te-ei mais tempo, mamã, pedir-te-ei mais tempo.

Maria da Esperança abomina vítimas, «Arrepende-se logo a seguir.», pergunta a si mesma como pariu aquele ser tão distante de si, «Acontece duas ou três vezes por mês.», transforma o folhetim de Rosário em senso comum, «Abandoná-lo, mamã? Tenho medo da sua reação, pode fazer mal a si próprio.», exaspera-se.

Impõe o derradeiro ultimato.

Apesar de tudo, Maria do Rosário sente-se otimista.

Dirige-se à sala de embarque, um vagar característico guia-lhe os passos, a lentidão acompanha-a, caminha com esforço. Pressente empatia, como se o regresso à ilha fosse um imperativo comum, a ditadura da jornada une quem viaja.

Será outra realidade. As tuas imposições serão justas, os teus reparos farão sentido e terminarão os ultimatoss, por que esquecerás o passado. O curso permanecerá incompleto. Eu sei. Mas o presente é mais importante. É uma nova oportunidade. Não vou desperdiçá-la. Vou surpreender-te, mamã.

Esperança vê a porta das chegadas abrir-se.

A satisfação pelo retorno da filha transforma-se em vergonha, ela regressa acompanhada, sente o peito trespassado pelo vexame, pensa em esbofeteá-la ali mesmo, um acesso temporário de loucura. Retoma o controlo num ápice, semicerra os olhos.

Rosário caminha na sua direção de braços estendidos, o parasita orgulhoso secundaa, «Mamã, quis fazer-te uma surpresa.», Esperança abraça-a em silêncio, «Estamos tão felizes, mamã...», prende a filha por breves minutos, «... é um menino.», afasta-a com candura sem proferir uma única palavra.

Maria da Esperança encara ambos, prolonga o silêncio incómodo enquanto escolhe as palavras exatas, o nervosismo da filha é notório e escolhe focar a atenção nela, mostra um sorriso aberto. Pergunta-lhe quem é o pai da criança.

A freguesia ferve com a ocorrência inédita.

Um homicídio seguido de um suicídio, o crime horrendo ocupa todas as conversas, «Encontrar a filha morta, ainda por cima daquela maneira...», os fregueses partilham detalhes da tragédia, as freguesas sofrem pela senhora dona Maria da Esperança, «Graças a Deus, salvou-se o bebé...», confirmam a misericórdia celestial.

Ninguém imagina outra realidade.

A mãe condenara Maria do Rosário junto à porta das chegadas, o cerrar do semblante dele mostrara-lhe o futuro imediato da filha, o estado de graça não impediria os golpes vindouros, certificara-se disso. A criança ter sobrevivido? Uma recompensa inesperada.

Maria da Esperança acumulará prémios. Honras literárias monstruosas.

Justificará o retorno à escrita de ficção com um argumento irrefutável, «A tragédia exige transformação, a literatura permite-me exorcizar a culpa de sobrevivente.», recuperará o mote invocado no passado, «Homenagear a minha única filha cumprindo-lhe a maternidade.», incluirá detalhes contemporâneos, «Sensibilizar para as vítimas da violência contra as mulheres, o silêncio é ensurdecador.».

Imune. Intemporal.

1996

Clotilde Correia

- Este autocarro vai para Vila Franca?

- É o que está escrito ou não é?

- Não está nada escrito.

- Então não está, menina? Esta agora... Deixa cá ver... Olha, pois não. Também não faz mal, ainda nem saímos. Se eu abalasse e deixasse toda a gente em terra é que era. Havia de ser bonito, chegava a Vila Franca sozinho. Em calhando, um dia destes até faço isso, quando não estiver para me chatear. Sozinho até Vila Franca, sempre a andar!

Antes de me dar o bilhete de ida e volta, o homem estica-se e alcança uma pequena manivela escondida que roda até estabilizar no destino certo.

Foi uma troca de palavras maior do que eu queria, mas pelo menos sou a primeira a entrar no autocarro, sem ninguém atrás. À colocação do destino no cimo do autocarro, um pequeno enxame de mulheres com sacos começa a mover-se energicamente nesta direção, mas ainda tenho tempo para uma pequena contemplação dos lugares vazios.

Não há nada de suspeito em apanhar um autocarro para Vila Franca, faço-o tantas vezes, mas é difícil evitar agir como uma pessoa que tem alguma coisa a esconder. Sentar-me num dos lugares traseiros seria como colocar uma coisa fora do sítio. Estou sozinha, para começar, e essa fila traseira parece destinada a grupos. Também lá costumam ir rapazes solitários, daqueles que dá vontade de salvar. Decido-me por um lugar à janela na antepenúltima fila. Discreto, mas ainda assim sem ser um assento de velha, que são os lugares próximos do condutor. Quero evitar os olhares das mulheres que se sentam à frente e que me assustam com a qualquer coisa de vidente que têm.

O chocalhar barulhento diz que o autocarro está prestes a partir. O motorista ainda é chamado por um homem aos gritos na porta do escritório da empresa e sai, deixando os passageiros sozinhos com o autocarro a trabalhar. É uma sensação de insegurança, não gosto quando os motoristas fazem isto. Mas é rápido, a espera não é suficiente para a carreira se atrasar, arrancamos com um ronco e um solavanco.

Quando o autocarro apanha a estrada nacional passa por uma igreja que foi pintada há pouco tempo e, por isso, dá agora muito nas vistas. Benzo-me. Tenho-me agarrado a um Deus que me

salve disto. É o Deus das crianças. Apesar de há anos me andarem a atribuir um amadurecimento acima da idade, eu sou a mesma, e Ele também, somos os mesmos desde que fomos apresentados. É Ele que faz ficar tudo bem se eu obedecer a estas ordens repentinas, como benzer-me naquele momento ou tocar cinco vezes no bico da chave antes de a pôr na fechadura. Gosto deste Deus e não tenho muitas razões de queixa. Mas talvez Ele agora não tenha outro remédio se não deixar que isto me aconteça. Mentia se dissesse que não estou ainda agarrada à possibilidade de Deus me amparar, mas começo a aceitar que desta vez Ele talvez não possa.

Mais ou menos a meio do caminho, passam doze minutos, segundo o relógio de números digitais a vermelho que olha para todo o autocarro lá de cima, paramos no Carregado. Sai muita gente, entra muita gente. Pela janela, vejo a Dona Alzira. Senta-se à frente, a cabeleira com os restos de permanente do Natal achatada no banco.

Esta mulher é das que têm poderes adivinhatórios, não há dúvida. Se me vir aqui sozinha, ou pior, em Vila Franca sozinha, vai cheirar à distância que alguma coisa está mal. Sei que é difícil adivinhar concretamente isto, mas se calhar até é possível, ou então nem é preciso, basta-lhe a estranheza, e basta-lhe eu ser culpada.

Ajudava bastante se a mulher não fosse mesmo para Vila Franca. E Deus ainda pode alguma coisa, porque ela sai na Castanheira, na paragem em frente à Igreja. É uma igrejinha, mais parece um brinquedo, uma casa do Portugal dos Pequenitos que tenha ficado ligeiramente maior. Sempre gostei desta igreja, pequena e simples, talvez tenha a medida do meu Deus. Poderá é já não ter dimensão para os meus problemas.

O resto da viagem é rápido. Ao peito volta aquele peso seco.

Saio na última paragem e caminho devagar, numa lentidão que engana, que será a passada normal de muitas pessoas, mas não é a minha, que é enérgica até quando estou triste, com a paixão das pessoas atarefadas mesmo quando só vou comprar um caderno.

Entro na farmácia que pré-selecionei mentalmente ontem à noite quando decidi seguir o método que me parece mais fiável, apesar dos constrangimentos. Está vazia.

O assistente de farmácia é muito jovem, parece ter a minha idade, mas escuda-se em gestos e palavras profissionais. É-me difícil perceber se seria preferível ter uma pessoa mais velha atrás do balcão.

- Bom dia. Gostaria de fazer um teste de gravidez aqui na farmácia.

- Com certeza. Vou-lhe dar um copinho esterilizado onde colocar a urina. Tem uma casa de banho no final daquele corredor, à direita. O resultado é praticamente imediato.

- Obrigada.

- Aqui tem.

- Obrigada.

- Faça favor.

- Obrigada.
- Quando terminar entrega-me o copinho.
- Obrigada.
- Ora essa.

Ninguém daquela idade diz 'ora essa', nem eu, com o meu gosto por palavras velhas e deferências. Talvez se diga 'ora essa' quando se começa a trabalhar muito novo.

A casa de banho cheira ao laboratório onde costumo fazer análises clínicas, o único que há na terra. É onde trabalha a Dona Vitória da sociedade recreativa onde faço Ballet. A Dona Vitória que carrega para todo o lado aquele odor a lixívia e hospital. Gosto dela e do seu sorriso cansado. Está sempre a ser nossa mãe, sempre a preocupar-se, a resolver e antecipar problemas. Com esta lembrança, o cheiro torna-se uma coisa boa e ganho alento enquanto baixo as calças e tento encontrar uma posição para acertar no copo e não sujar nada. É muito difícil, acabo a salpicar o tampo e o chão. Com toda esta operação agachada começo a suar. Quando puxo as cuecas para cima e olho para o espelho estou corada até à testa. E é ainda preciso limpar tudo. A folha de papel higiénico é fina, tenho de empregar uma enorme quantidade para limpar aquela porcaria. Quando termino, estou ainda mais corada e tenho de fazer um compasso de espera antes de sair, o que me faz sentir dever ao rapaz da farmácia uma explicação por não saber desempenhar uma tarefa tão simples num período de tempo razoável.

Em vez disso, estendo-lhe o copo sem falar. Ele recebe-o com umas luvas que entretanto colocou e desaparece no corredor depois de me dar instruções.

- O meu colega vai já tratar. Pode esperar aqui, tem ali uma cadeira, ou pode ir ao café, se quiser, só demora uns minutos.

- Obrigada.

É a cadeira junto à mesa que serve para medir a tensão e eu sento-me durante os instantes suficientes para entender que não tenho de seguir a sugestão do rapaz, que posso fazer o que entender. A permissão é reforçada pela solidão, não está ninguém na farmácia. Levanto-me e percorro as prateleiras dos champôs e dos cremes. Num dia normal estaria apenas a invejar aqueles produtos caros, a projetar o dia em que os comprarei, mas hoje estou só a olhar sem ver.

O rapaz volta e atende uma senhora que ouve mal, que entretanto chegou. A farmácia enche-se com o esforço daquele diálogo. Quando a velhota sai, ele torna a entrar para as traseiras, de onde regressa com um envelope na mão.

- Aqui tem, muito obrigado.

- Obrigada.

Saio da farmácia e começo a deslizar por uma série de montras. Como num truque de cinema, para com as imagens a andar ao meu lado. Mas são as pernas que andam sozinhas. Toda a energia está em segurar aquele envelope com as duas mãos. Está aberto, apenas com o triângulo

que fecha metido para dentro, não foi selado. Quando paro, uma criança tropeça em mim.

- Desculpe... Cátia, olha por onde andas, rapariga.

Puxo o papel para fora pelo meio da folha dobrada, que se abre, gigantesca pela quase ausência de conteúdo, só um cabeçalho comercial e em baixo letras pequenas. Leio: POSITIVO. Leio. Só que agora não quer dizer nada, estou incapaz de interpretar a informação, tenho de empreender um enorme esforço para retomar o sentido à linguagem. Para me orientar, começo a fazer perguntas ao papel. Eu fiz este teste para saber se estou grávida, é essa a questão, e se é essa a pergunta, a resposta será sim, positivo, ou não, negativo. Sim, positivo. Estou grávida.

Não sei quanto tempo fico parada.

Não uso relógio, procuro à volta e encontro um a assomar de uma ourivesaria. Falta meio-dia para o Zé sair do trabalho. A esta hora já nem o apanho em casa pelo telefone, já saiu para a reabertura da loja.

Decido atribuir-me pequenas missões. Vou ao terminal dos autocarros certificar-me do horário daquele que me deixará precisamente à porta da loja onde o Zé trabalha. A cópia do horário que levo dobrada na carteira está esburacada nos vincos das dobras e esborratado pelo uso. Gosto quando o vaivém constante da carreira reta está incólume na sua cadência diária, quando o papel é semelhante ao trajeto - simples, linear -, e o esforço é todo aplicado a ler os nomes de localidades e os números das horas, minúsculos.

Estou mais perto do terminal do que pensava, é quase só virar a esquina. Não sei como é possível desorientar-me num sítio que conheço tão bem, mas é, e sinto-me esquisita com esta antecipação do destino, uma espécie de desilusão. Não com o lugar, com o trajeto ou com o terminal, comigo, que antecipei um caminho maior.

- Eu ter tenho, menina, mas vai ficar desatualizado em três semanas. Se quiser... Querem sempre, não é verdade? Se eu tivesse uma nota de mil por cada horário que dou. Não sei o que fazem a tanto papel. Tome lá.

Ainda de frente para o homem de camisa branca desabotoada no peito a farfalhar de pelos, consulto o papelinho fotocopiado. Falta um bocado para a carreira que quero que me leve de volta, como já sabia. Quando ergo os olhos, o guiché está vazio.

Recorro, então, aos hábitos do que costumo fazer em Vila Franca.

O caminho faz-se sozinho para a croissanteria. O cheiro a queijo derretido em massa quente é constante naquela ruazinha junto à passagem da linha de comboio e quando se entra a intensidade é acompanhada pelo calor dos fornos que se vêem ao fundo, atrás do balcão, depois da mesa longa cheia de tabuleiros. É uma lojinha pequenina, a maioria das pessoas leva o croissant para comer na mão, eu costumo fazer o mesmo, mas, desta vez, não.

- Vou comer aqui, obrigada.

A campainha começa a tocar e o barulho não cessa à passagem do comboio, sinal de que

vem aí outro. Uma voz roufenha ao microfone da estação diz coisas que só são compreensíveis porque as sei de cor.

- Atenção à passagem de um comboio rápido pela linha número dois.

A pausa é muito, muito pequena, mas está lá e dá para uma respiração curta.

- Atenção à passagem de um comboio rápido pela linha número dois.

Os pedaços de massa mal cozida e o queijo derretido alagam-se em saliva, puxam mais saliva, fundem-se na boca, são a boca. É possível o prazer sobreviver, mas não tenho energia para elaborar sobre isso. Como devagar, entre a vontade de fazer tempo e a impossibilidade de mastigar mais depressa.

Depois do abalo da velocidade do comboio rápido, o silêncio suspira quando a campanha cessa. O toque persistente durou quase todo o tempo de comer o croissant. Quando me levanto para sair vejo a mulher a abrir uma fornada nova. Ficaram ligeiramente mais queimados do que o costume e do que eu gosto, têm um bronzeado ténue, o suficiente para se notar a diferença. A mulher dá uma ordem para o fundo da cozinha e quando se volta cruza o olhar com o meu.

A croissantaria é porta com porta com a loja das revistas, é sempre uma transição fácil.

São escaparates infinitos e uma secção gigantesca de publicações de vestidos de noivas onde me costumo demorar. Ali ninguém me faz qualquer reparo por mexer nas páginas caras em papel couché, que nunca compro. Desta vez, a atenção vai para as outras revistas, mas também para um casamento. É a imagem de um casal a sair de uma capela minúscula de madeira, os pés ainda no segundo de quatro degraus rústicos pintados de vermelho ocre, o homem a beijar a mão da mulher, que ri de lábios rasgados. A mulher parece nua de tão simples, o vestido liso, o véu fino e fluido, as luvas quase impercetíveis, o cabelo loiro preso num apanhado fácil. O homem ao seu lado é um foco apontado para ela, num fato escuro. São Carolyn Bessette e John John Kennedy que saem de uma capela na ilha de Cumberland, no estado norte-americano da Geórgia, contam as revistas, que dizem todas o mesmo. Decido que quero levar alguma coisa daquilo comigo, escolho a revista mais cara, com a melhor disposição das imagens nas páginas, sem agrafos a traçar ao meio os noivos. Gosto de guardar imagens como aquela. É a primeira vez que um casamento entra na coleção, normalmente são filmes ou anúncios de perfumes, retratos que apontam para um lugar indefinido para onde quero ir, onde gostava já de estar, e onde estou, por causa delas. Às vezes colo as imagens aos cadernos da escola. Escolho os de capa lisa preta, seleciono uma imagem de tamanho médio, centro-a, e forro tudo com plástico colante transparente. Ficam lindos. São os cadernos com mais personalidade da turma e eu tenho orgulho neles.

Já fora da papelaria, acondiciono com cuidado a revista na mala e olho para o jardim que há após a linha do comboio, mas não consigo. Tenho tempo de lá ir, mas não consigo. É um lugar de paz súbita, que pode servir o isolamento urgente de quem precise. Dá para o Tejo e para a Lezíria. Não é só o limite de Vila Franca, é o fim abrupto de um subúrbio. Quase corremos o risco de cair dele abaixo.

Estive neste jardim a namorar com o Zé muitas vezes, fazendo aquilo que fazemos pouco, namorar em público, namorar como uma atividade, estarmos só nós num banco de jardim, aos beijos, a mão dele por baixo da minha camisola. Normalmente, estamos a caminho de alguma coisa ou à espera de alguma coisa. Ele espera que eu saia das aulas de Ballet, eu espero que ele acabe de jogar snooker ou Street Fighther nas máquinas. Ao pé dos outros, trocamos beijos breves, como se fossemos adultos. Para namorar, temos a casa dele e a porta do quarto fechada.

Sigo para o terminal rodoviário e deixo-me ficar. Faltam quinze minutos para o autocarro.

Quando a fila se forma, uma mulher que segue à minha frente com dois filhos compra dois bilhetes e meio. Sigo em pequenos passos na corrente que vai encher quase todo o autocarro. Está calor, tenho as mãos peganentas de segurar as alças da mala, e enquanto mostro o bilhete de ida e volta ao motorista vejo que tenho poucas opções para me sentar. A maré não se detém e não me dá tempo para elaborações, ocupo logo um lugar bastante à frente, sem me importar com a Dona Alzira nem as outras feiticeiras carregadas de sacos.

Até uma em particular se me apresentar ao pensamento. Parece uma bruxa, quando passo por ela na rua não aguento, baixo os olhos. Chamam-lhe parteira, mas nunca ninguém me falou dela como tendo ajudado alguém a nascer. Vive naquele bairro onde quase não chega o sol, onde as pessoas são tão pobres como parecem. Essa mulher de olhos encovados e cabelos desganhados fez um aborto a uma rapariga do ballet há pouco tempo. A ideia de ter de pedir ajuda àquela mulher aterroriza-me. É verdade que a rapariga não sofreu, que correu tudo bem, mas a mulher mete-me medo. Agora que é comigo, a mulher mete ainda mais medo.

Já na Castanheira e não há sinal de coincidir com o regresso da Dona Alzira. Na paragem, uma mulher brinca com uma nota, tem o pé no degrau para subir mas alguém está a demorar à sua frente. É um homem que conversa com o motorista. Quando entra, a senhora senta-se à minha frente e assim que o autocarro arranca começa a enfiar os dedos num dos sacos e tirar bocados pequeninos de pão, que vai comendo com vagar.

Na minha cabeça, a cara da parteira dá lugar a uma cena do filme "Dirty Dancing". Vi-o dezenas de vezes, sei os diálogos de cor, e também aquele, do Johnny e do primo enquanto a Penny se contorce de dores numa cama, com o cabelo loiro molhado de suor a expor as raízes mais escuras.

- Ele não usou éter, nada...

- Pensei que tinhas dito que ele era um médico a sério.

- O tipo tinha uma faca suja e uma mesa desdobrável... Eu ouvi-a a gritar no corredor, e eu juro, eu juro que tentei entrar.

É quando acabo de recitar tudo que começo a dar sentido à gritaria. Olho para trás. São três miúdas que andaram comigo na preparatória. Eram de outra turma, eram parvas. E naquele momento, invejo-as. Invejo-as porque penso: ali já não entro mais, naquele quintal encantado ambulante onde elas se movem, que levam consigo para todo o lado, que acionam na cozinha de casa, na sala

de aulas, nos corredores durante o intervalo e no meio do pátio da escola onde se instalam até tocar para dentro. Se calhar até o acionam nas camas dos rapazes a que só permitem algumas coisas, nas procissões em que acompanham resignadas as mães e as madrinhas, nas viagens a Fátima e à Nazaré. Acionam de certeza nos almoços feitos de pires de batatas fritas no café, com a Bravo em cima da mesa, isso eu já vi. A possibilidade de estarem sempre protegidas, sempre a salvo. Pensei que eram parvas, mas agora a olhar para elas penso que, mais do que alguma coisa, são tão novas.

Um passageiro distraído toca tarde para a sua paragem e discute com o condutor, que leva uns óculos escuros à Moto Rato. A discussão cala o autocarro e o barulho que as miúdas fazem. Saio na próxima paragem. Começo a levantar-me e arrisco de pé os tropeções da curva.

Saio praticamente em frente da loja onde o Zé trabalha e vejo-o logo, está a colocar um rolo gigantesco de arame lá dentro, depois volta para recolher um carrinho de mão, o colega dele carrega dois regadores de alumínio em cada mão. Estão a guardar os produtos que ficam expostos durante o dia no passeio. Avanço na diagonal para esquina do prédio, duas portas ao lado da loja. Ele vê-me e abre um sorriso que desmaia nos meus olhos e no meu aceno. A grande porta da loja em alumínio prateado fecha-se, funcionários e patrão seguem os seus caminhos separados. Ele atravessa a rua com um cigarro apagado a cair da boca.

Abraçamo-nos. O tempo arrefece os nossos corpos parados.

É sexta-feira. Depois de jantar, vou para casa dele e passamos mais duas horas abraçados. Estou com ele todos os momentos que posso durante o fim de semana, o que não é novo, mas quase que parece, somos só uma presença inamovível. Ouvimos música, calados. Ele tira do fundo da pilha de CD o "Laid", dos James, a banda sonora de quando começámos a namorar.

E na segunda-feira começo a pedir ajuda. É tão importante que até parece fácil. Não é.

Falo com uma professora de quem me aproximei pelas inúmeras atividades em que estou envolvida, que nem sequer me dá aulas. Felizmente ela não respeita o pedido de sigilo que lhe faço e começa a organizar-se à minha volta uma equipa de resgate. Dela consta a outra professora, aquela que tem em casa, em cima de um aparador, uma fotografia do Che Guevara numa moldura antiga. Eu, que só conheço Ches de cartazes e t-shirts, fico desconcertada pelo retrato que parece ter sido tirado nos estúdios Queiroz. Imagino que é uma fotografia original, uma relíquia oferecida pelo próprio, depois de um romance intenso e fugaz.

Ela sorri devagar e mostra os dentes largos numa boca grande, enorme, a aparência da generosidade profunda que efetivamente tem. O dia em que fui a casa dela e vi a fotografia já vai longe. Parece afastar-se cada vez mais ao ritmo dos seus movimentos lentos. Recebo aquele sorriso antes de ela mudar para uma expressão compenetrada, cigarro por fumar numa mão, isqueiro noutra. Estamos na sala do ateliê de artes plásticas.

- A minha madrastra é enfermeira. Pode ajudar-te, mas tens de contar à tua mãe. És menor, ela só faz com autorização dos pais, pelo menos de um.

Agora, o peso total.

Não há ninguém que me salve disto. É o segundo nó que ata a corda.

A minha mãe está de costas. Aproximo-me. Só há um lugar junto à lareira, o cadeirão de verga onde a minha mãe se senta. Em baixo, praticamente junto ao fogo, quando há fogo, junto às cinzas, quando não há fogo, há uma cadeirinha alentejana de criança, daquelas com pinturas de florinhas. É minha, de quando eu era pequena.

Sento-me. Fico quase de joelhos. Conto-lhe.

Vejo-me refletida nas lentes dos óculos dela, os olhos muito abertos, eu diminuída, a sala enorme. Olho-me enquanto desfio as explicações atabalhoadas sobre a pílula e o esquecimento que não consigo assumir. Ponho-lhe uma mentira disparatada por cima, que ela não questiona, de uma pausa sugerida por uma médica. Ela diz pouco, diz nada. Sigo para a exposição da solução que se perspetiva.

E como ela continua a pouco dizer, salto para fora do memorando mental ruminado à medida que me aproximava do cadeirão para a conversa, que recitei como um terço entre todos os movimentos, sentar-me, aconchegar-me na falta de espaço, respirar fundo, e falar. É a pergunta que não planeei fazer. É a única que tenho a fazer.

- E seu eu decidir ter o bebé?

Solta-se. Assim, como quem abandona um corpo.

- Oh, Ana, isso não pode ser.

Solta-se para não tornar a mim. A pergunta deixa-me ali sozinha.

O olhar da minha mãe confirma as palavras, definitivo.

A outra frase sela praticamente a conversa e cava a minha solidão.

- Não sei se hei de contar isto ao teu pai.

- Não contes, mãe, por favor, não contes.

Ela não conta.

O dia chega, e tem de ser percorrido todo inteiro até passar.

Está marcado para o final da tarde. Vou à escola e levo comigo os remédios que a enfermeira indicou através da professora amante do Che Guevara. Diluída na maré dos corredores barulhentos no intervalo, a baloiçar nas palavras dos professores durante as aulas. Divido os intervalos pelo cumprimento escrupuloso da toma dos medicamentos às horas certas. Há um branco e grande que tem de ser colocado dentro da vagina. À hora escalada entro na casa de banho das raparigas, a do piso de baixo, na ponta junto ao pavilhão, depois do bar, fria, mal-iluminada e suja, como todas as outras. Os escritos na porta, esculpidos a canivete ou gravados a caneta e a marcador a olhar-me como hieróglifos sem sentido. Agachada e curvada, toco com a cabeça naquela madeira blasfema. O medo desce em forma de diarreia, outra vez. Em casa da enfermeira, ainda antes do procedimento, a minha mãe enuncia o óbvio como se fosse uma boa ideia.

- Tens as cuecas sujas, Ana... Então?

Eu podia dizer: então, experimenta tu a casa de banho da escola. Experimenta ir à escola de manhã e fazer um aborto clandestino à tarde. Então? Mas não digo.

A minha mãe vai-me buscar já com o Zé no carro. São mais ou menos 15 quilómetros. Os mesmos que percorri de autocarro para fazer o teste, os mesmos que ando para ir ao cinema, para comprar roupa no centro comercial, para ver um concerto dos GNR no dia em que o baixista é pai. São os mesmos.

Está a chegar o momento.

Entramos no elevador pequeno do prédio. Tem um espelho, que eu evito. A porta da casa abre-se por uma mulher loira de meia-idade, as primeiras impressões de confiança nos mínimos, todas delegadas no seu marido, um senhor careca, de sorriso tímido, camisa de quadrados muito engomada enfiada meticulosamente em calças cinzentas vincadas. Dispostos num semicírculo de desconforto mesmo à porta, a dizer coisas e a procurar e evitar o olhar uns dos outros, enquanto nos esforçamos para abrir pequeninos sorrisos, que se desdobram em risos minúsculos de nada e para nada, avançamos depois para a sala.

A mulher já me parece mais amigável, embora não a consiga imaginar vestida de enfermeira. É uma Florence Nightingale impossível, mas é a única que tenho. Insiste que eu beba um copo de água, que me traz da cozinha a arrastar ligeiramente os pés.

- A hidratação é o princípio de tudo!

Avançamos para um quarto pequeno ampliado para uma marquise e é lá que nos instalamos.

Sigo as instruções, entre o silêncio e os barulhos pequenos das diligências que a enfermeira toma sem cessar, muitos pequenos gestos, como se estivesse a fingir estar ocupada.

Estamos quase.

Deito-me.

Já estou com as pernas afastadas.

A minha mãe faz o comentário das cuecas sujas, que apesar de me zangar altera pouco o meu nível de humilhação. A enfermeira presta atenção, mas prossegue. A minha mãe toma o seu lugar num banco baixo, entre mim e aquilo que se vai passar, concretamente no portão daquilo que se vai passar, que é a linha da minha cintura. É ela quem pode olhar em todas as direções, para mim, para a enfermeira, e para baixo. A enfermeira está num banco rebaixado, daqueles redondos almofadados que rodam para cima e para baixo, de face para a minha vagina exposta. Eu estou lá atrás, na sua perspetiva. Ela está lá à frente, na minha. Acontece tudo para lá da montanha dos meus joelhos. Eu sinto, mas não vejo. Estou e não estou, cerrada e inteira, como num número de magia.

Não dói.

Vou sentido sair de dentro de mim, lentamente, ao ritmo da suavidade das mãos da enfermeira, coisas em líquido espesso que ela tira para fora. Tira. Tira. Tira. Tira. No chão pressinto uma

bacia de alumínio.

- Tão depressa não faço molhos de tomate.

Diz a minha mãe, no alívio do fim.

Não tenho dificuldade em andar. Ergo-me lentamente, com as cuecas amortecidas por um penso fofo e grosso, e penso no Zé deixado na sala com o marido da enfermeira, a fumar e a roer as unhas.

Tinha olhado uma última vez para trás na sua direção antes de entrar nesta divisão iluminada por um sol clemente, filtrado pelos vidros baços, só a amornar o ambiente para esta temperatura analgésica, o clima das marquises na primavera. Acanhado com o homem que faz apenas a conversa necessária, um cinzeiro de pé entre os dois, o Zé não vê este meu último olhar, mas agarra-me logo quando a porta se abre.

Sobrevivemos a isto. Sabemos que sim, sobrevivemos. É cedo para saber, mas nós sabemos. Ele põe-se de pé, seguido solidariamente pelo marido da enfermeira, que tem para oferecer o mesmo sorriso de antes.

À medida que a minha mãe e a enfermeira entram para a sala, ficamos ali novamente em semicírculo, agora com as conversas cruzadas. Eu volto a ouvir as recomendações para os próximos dias, a minha mãe acena que sim, o marido da enfermeira e o Zé dizem coisas impercetíveis num tom muito baixo, até nós três não sabermos mais o que fazer do que pormo-nos dali para fora.

Corre tudo bem, do ponto de vista médico, que é o único com que estou preocupada.

A dor fantasma da amputação lança-me ora para dentro e para baixo, ora para fora e para cima, planando.

É assim que, retirada mas muito funcional, sobrevo o primeiro grande ato depois do aborto. Do teto da sala das aulas de ballet, as mãos pousadas na barra de metal fria, em frente do espelho, faço deslizar a perna direita, depois a esquerda. Dias depois, nem uma só aula em falta, de dança ou qualquer outra, nada a sofrer o embate, eu amparo-o todo.

- No chão, ao centro. Vamos, poucas conversas!

O bater de palmas da professora faz-me recuar para o meu lugar, para a posição que tanto me custou a conquistar, à frente, à direita, na ponta junto à parede, um bocadinho de janela ao alcance, não que interesse. O meu voo planador não me leva para fora, mantém-se ali mesmo. Olha para mim, estou a dançar.

A férrula

José Almeida Lopes

“Tenho muita pena de morrer qualquer dia. Palavra de honra que tenho! Eu desejaria viver mais uns anos para ver uma coisa que para mim está a ser um milagre: o levantamento das mulheres portuguesas. Por isso, desejava ver o futuro! Ver-vos a vocês todas, as raparigas, as mulheres casadas, a todas aquelas mulheres que pudessem colaborar na vida da Nação, que tirassem um bocadinho do seu dia, das suas horas de descanso, para lerem, para se cultivarem, para não terem medo da vida, porque a vida não nos mata, nós é que a matamos.”

Último discurso proferido por Cristina Torres, professora, conferencista, escritora, defensora dos direitos das mulheres e resistente à ditadura, em 24/08/1974.

Diferente, para melhor, a professora Henriqueta. Aspeto jovem, fato-saia-casaco, afastando-se do perfil austero de mestre escola da época, nem por isso deixava de impor respeito. Vinha de famílias humildes e acabara de pedir a emancipação – um requisito da época, necessário para todos os que tinham menos de 21 anos e pretendiam “dar escola”, como ouvi contar a meu pai. Pose e rosto sóbrio, pois o Ministério da Educação do Estado Novo proibiu as professoras de usar maquilhagem e indumentária que não se adequasse à “majestade do ministério exercido”.

Na altura, uma mulher ter um emprego era algo estranho. Salazar declarava: “Nos países ou nos lugares onde a mulher casada concorre com o trabalho do homem (...) a instituição família pela qual nos batemos como pedra fundamental de uma sociedade bem organizada, ameaça ruína. E Portugal é um país conservador, paternalista e – Deus seja louvado – atrasado, termo que eu considero mais lisonjeiro do que pejorativo”.

Tudo parecia pacífico. Até meu pai achava normal que se soubesse quando uma mulher morria através do número de vezes que os sinos dobravam, pois dobravam menos vezes do que quando morria um homem.

Desde pequenas as mulheres eram educadas para serem submissas ao poder do pai, do

irmão e mais tarde do marido. Era-lhes atribuída a função de dar à luz, amamentar, criar e educar os filhos, tratar da casa e manter a família unida e feliz. Às mulheres estava interdito o direito ao divórcio, permitido só em caso de infidelidade comprovada do marido. Dona Henriqueta sempre discordou de todos esses princípios e os que com ela privaram sentiam essa relutância.

Na escola, no alto do majestático estrado, olhava para nós – uns franzinos, outros labregos, alguns com batas alvas, muitos com elas rotas e encardidas, como se cada um que ela observava a todo e qualquer momento fosse o único.

A escola dos rapazes ficava ali, no interior da aldeia. Meia hora não dava para os meus “calcantes” percorrermos as quelhas e vielas que a separavam do tugúrio onde vivia. Um felizardo, diziam os que vinham de lugares muito mais longínquos e isolados.

Antes de chegar à escola, contornava o monte do Dom Bernardo, a propriedade onde vivia uma caricata figura brasonada de sangue azul, que amiúde passeava na sua charrete pelos caminhos mais nobres da povoação.

Foram os medronhos que abundavam na sua frondosa propriedade e ficavam mesmo à mão de semear, que deixaram a minha cabeça pela primeira vez “a andar à roda”, fruto das incursões relâmpago e das subtrações que por lá fazíamos. Já nessa altura, a malta tinha momentos e estratégias de algum devaneio.

Das janelas aos quadradinhos da “minha sala” observava-se a imensidão da planície, o rio e um miradouro onde rumávamos com frequência para redobrar a alegria do nosso pequeno mundo. Os cantoneiros de ocasião que o regedor da aldeia recrutava no largo da igreja e na “venda do Fontes”, desbravaram o mato e abriram um carreiro por onde nós passávamos. Eu colocava uns atilhos envolvendo as solas das minhas botas e caminhava como todos em fila, quais formigas no carreiro em busca de alimento.

Na ruela da escola ficava a alfaiataria do senhor Abrantes e da sua esposa, a “sempre triste” Dona Belinha, com um enigmático papel manuscrito encarquilhado pelo Sol, colado na pequena janela, anunciando algo cujo significado tardou em perceber: “apanham-se malhas em meias”. Notava-se no rosto de Dona Belinha que era uma mulher sofrida, o exemplo do único modelo de família aceite nessa época, resultante de um contrato de casamento onde tudo era dominado pela figura do senhor Abrantes, o chefe que detinha o poder marital e paternal e evocava alarvemente junto do carteiro o direito de abrir a correspondência da sua mulher, argumentando com uma situação legal que apenas foi abolida em 1976.

Perante a recusa de minha mãe em encarar alguém que maltratava a mulher, era o meu pai que me levava ao “mestre Abrantes” à enfadonha tarefa de tirar as medidas para a confeção das calças, obrigando-me a um “encore” uns dias depois, para fazer a respetiva prova. O corte da fazenda chegava uma vez por ano, em jeito de foliar pascal da madrinha Zezinha Leonor, mulher muito esclarecida que passou pelos calabouços da PIDE, a quem o meu Tio Alberto chamava com algum

desprezo a “operária em construção”. O certo é que ela entendia isso como um elogio e jamais deixou de ser uma mulher livre e decidida.

Um dia deixei de pôr o laço e “ir à madrinha” com o ramo feito de oliveira, de alecrim e de loureiro, benzido na igreja no domingo anterior à Páscoa. A partir daí caducou o direito a folgar e minha mãe passou a comprar-me calças na tenda dos Loureiros, o pronto-a-vestir da feira quinzenal que pouco a pouco destruiu o negócio e aniquilou as finanças do afreguesado casal de alfaiates, entretanto separado e caído em desgraça devido à atribulada saída de casa e do negócio de Dona Belinha, farta de ser violentada e espezinhada por um homem sem escrúpulos que julgava ser o dono dela, dos filhos, do negócio e da vida de todos. Para isso muito contribuíram o apoio e os conselhos de Dona Zezinha e da própria professora Henriqueta, que insistiam em fazer-lhe ver que uma mulher não pode ser um farrapo ou uma escrava dos humores do marido.

Trepando-se a um alto carrasco do largo da escola, espreitava-se a casa “mais rica” da terra, poiso da família do Senhor Doutor Soares, o médico que tratava as minhas insuportáveis dores de ouvidos e me engessou a perna, quando o Nelo do Aljão sobre ela fez cair uma forte sarrafada com um dos seus tamancos feitos à mão pelo padraço, corria um daqueles duros e porfiados prélios que todos os dias travávamos no recreio. Também nessa casa, a esposa do médico era uma mulher que passava os dias fechada e nas raras vezes que aparecia apresentava-se de rosto fechado e triste, comentando-se na terra que o Doutor Soares exercia sobre ela violência psicológica e até física. Até na aldeia este tipo de abusos era transversal aos diversos estratos sociais e culturais.

Para nós, crianças, tal como Deus, a Pátria, a Família e a Autoridade, também essas realidades não se discutiam. Centrávamos a atenção no facto dos nossos colegas “mais grandes”, das outras classes mais avançadas se roerem de inveja, ao verem a professora Henriqueta brincar conosco no espaço nobre do recreio. Tinham professores jarretas de fatinho escuro, colete e gravata, que no inverno preferiam ficar sentados a beber chá ou café à volta da velha e fumarenta salamandra e na primavera a degustarem refrescos de groselha à sombra do chaparro das traseiras, criticando a petulância da bolónia Henriqueta.

Eu bem os ouvi certo dia, quando fiquei sozinho num canto da sala, sofrendo a bom sofrer um penoso castigo por ter as “unhas de luto” numa das higiénicas revistas semanais que a professora Henriqueta passava às nossas mãos bem estendidas sobre o tampo inclinado da carunchosa carteira. Igual cuidado merecia quem fosse apanhado com piolhos ou lêndeas a “passear” pelos cabelos. Para esses, a professora tinha sempre à mão no armário da sala, um milagroso frasco de “Quitoso” pronto para dar cumprimento ao que estava registado no rótulo da embalagem: “na cabeça dos miúdos só devem passar coisas alegres e divertidas”; as únicas que nessa altura abundavam na minha “mona”.

O recreio era um espaço de “anarquia organizada”, com a naturalidade das pequenas brigas e a autorregulação das brincadeiras e da hierarquia das individualidades e dos grupos. Rapazes na escola de cima, raparigas na escola de baixo. No meio um enorme muro.

Não havia gradeamento, portaria ou vigilantes – a Senhora Maria dos Anjos, a única contínua, apenas carregava a lenha para os fogões, fazia biscates e limpeza, para além de dar conta do comportamento de cada um às respetivas mães – e os velhos e ferrugentos portões de ferro estavam sempre escancarados.

Todos conhecíamos e cumprimos religiosamente as regras, sem que estas precisassem de estar escritas e afixadas. Cada um sabia os limites e consequências caso por descuido ou devaneio saísse dos eixos.

De tudo isso e muito mais falava na “doutrina” vezes sem conta, às segundas feiras à tardinha, a irmã Jacinta, quando mandava abrir e ler o livrinho do catecismo de iniciação: “Que quereis de nós, Senhor?”

Uma vez por semana a professora Henriqueta, algo contrariada, dispensava os seus catraios para irem assistir a uma sessão semanal da “Rádio Escolar”, um programa radiofónico que passava na então “Emissora Nacional”.

Ao meio da tarde, quando o sono chegava e apetecia pôr palitos nas pálpebras para os olhos não se fecharem, o professor Rodrigues, da sala ao lado, ligava o obsoleto transistor que demorava uma eternidade a “aquecer” e lançava mais ruídos que o Ford Anglia do Padre Parente, para depois pedir toda a atenção com um forte bater de palmas.

No momento em que o velho aparelho “acalmava” e diminuía a “trovoada”, por toda a escola exaltava a voz grave do professor, reclamando silêncio e ouvidos bem concentrados na telefonia. Na parte final da sessão, ordenava que seguissem a entoação do cancionero que o rádio “tossia”, fazendo chegar aos nossos ouvidos o hino da mocidade portuguesa, perfeitamente enquadrado com os ideais do regime e que nós acompanhámos com sincronização labial, qual prenúncio do playback e karaoke:

*“Lá vamos, cantando e rindo
Levados, levados, sim
Pela voz de som tremendo
das tubas,- clamor sem fim
Lá vamos, (que o sonho é lindo!)
Torres e torres erguendo,
Rasgões, clareiras, abrindo!
- Alva da Luz imortal,
Roxas névoas despedaça
Doira o céu de Portugal!
Querer! Querer! E lá vamos!
-Tronco em flor, estende os ramos
À mocidade que passa.”*

Nessas tardes, na nossa sala, enquanto ao lado ainda duravam as sessões de canto coral da 3ª classe, era habitual fazermos um desenho livre na folha lisa, a mais desejada e rara do caderno diário, utilizando os 6 lápis de cor da Viarco que vinham em caixinhas de cartão com motivos diferentes (a minha tinha uma ilustração de crianças com gatos).

Na altura sonhava com a caixa de 12 lápis que mostrava uns meninos a soprar umas bolinhas de sabão e tinha todas as cores que eu imaginava para os meus desenhos - um luxo que só o Tó Gabriel ostentava e jamais tive o arrojo de pedir a meus pais. Como que adivinhando, no dia do meu aniversário, a professora Henriqueta ofereceu-me uma caixinha de 12 lápis de cor usados.

Os mais lerdos da sala, colocados nos bancos do fundo, faziam exercícios de caligrafia e cópias do livro de leitura nos cadernos de duas linhas que pagávamos em prestações quinzenais de cinco tostões à caixa escolar, uma espécie de cooperativa de consumo sem fins lucrativos, em que nós éramos os acionistas e a professora o presidente do conselho de administração ou a CEO, como hoje se diz, mas sem quaisquer mordomias.

Lá em baixo, na outra escola, separadas pelo tal muro, as raparigas ficavam distantes, inacessíveis e pareciam-nos na altura meras fatalidades que não deixavam grande preocupação ou frustração, pois éramos educados para julgar as suas brincadeiras estranhas e exclusivas para meninas. Qualquer rapaz era gozado e diminuído se trocasse um bom jogo da bola, o "eixo", o "prego" ou a "salsa verde" pela "macaca", pelo "lencinho", pelo jogo da corda ou por outras "meninices", como eram chamadas. E conversa de rapazes era palavreado apenas para rapazes, ponto final parágrafo. Armar "custilos", colecionar e trocar cromos da bola ou (re)contar as aventuras do Mandrake, do Zorro ou do Jim das Selvas eram assuntos para especialistas, que deviam escapar ao interesse e à exacerbada sensibilidade das raparigas.

Lembro-me da professora Henriqueta estar nervosa e desabafar com a contínua como quem murmura para ela própria assuntos que na altura ninguém entendeu. Lamentava-se de ser vista com inferioridade pelo facto de ser mulher e das professoras não poderem casar com a pessoa da qual gostavam, pois tinham que pedir autorização superior. Só muitos anos depois percebi que naquela época estava escrito em decreto-lei que uma professora só podia casar com um homem que tivesse rendimentos superiores ao dela.

Tudo era assim! Uma mulher casada não podia ir para o estrangeiro sem autorização do marido, não podia trabalhar sem autorização do marido. O marido podia chegar a uma empresa ou estabelecimento público e dizer: "eu não autorizo a minha esposa a trabalhar". E ela tinha que ser despedida. Talvez por isso minha mãe comentou em casa que foi a professora Teodora que abriu os olhos a Dona Belinha e tudo fez para esta abandonar a aldeia e fugir à vida de terror que o Senhor Abrantes lhe proporcionara. O meu pai ouviu e encolheu os ombros.

Alheio a tudo isso, com os meus oito anos de idade, ficou-me na memória para sempre

uma moça dos tempos de escola, a Nandinha, vencedora de uma edição do concurso de vestidos de chita nas festas da padroeira da terra. Era filha da padeira Dona Joaquina, e sem dúvida a cara mais simpática e bonita da aldeia. Adormeci a algumas vezes a pensar nela e não sei porquê, lembrou-me sempre Nossa Senhora de Fátima. Para mim, a Nandinha merecia ser sempre tratada como uma rainha e ter um marido que a fizesse sentir a pessoa mais feliz do mundo. Em segredo, sonhava ser eu a proporcionar-lhe isso.

Aos domingos, antes do almoço, encontrávamo-nos à saída da missa, na sacristia, enquanto esperávamos pela distribuição de umas senhas que tínhamos de apresentar como prova do cumprimento do dever dominical na sessão semanal da catequese. Um dia disseram-me que partira rumo a Lisboa para trabalhar no comércio. Nunca mais nos vimos.

A escola também ensinava a lidar com dramas e a “carregar fardos” desde muito cedo. As sabatinas da tabuada e dos verbos, os ditados, o respirar fundo com os lábios serrados para evitar os “borrões” da tinta permanente nos cadernos diários e a angústia da antecipação da chamada ao quadro negro causaram-me as primeiras insónias, a sensação angustiante da antecipação do fracasso e umas fortes e inoportunas cólicas.

Na parede da sala de aula, mesmo por cima do cabelo aos caracóis da professora e ao lado do enorme relógio vindo diretamente da fábrica Boa Reguladora de Vila Nova de Famalicão, destacavam-se três ícones: o retrato do Presidente do Conselho, Oliveira Salazar, sombrio e macilento, uma moldura mais recente com o Almirante Américo de Deus Rodrigues Tomás de farda e boné alvos com um ar patético e um crucifixo igual ao que o sacristão do Padre Parente nos encostava aos beiços quando irrompia pelas nossas casas na recolha da cõngrua, todos os Domingos de Páscoa.

Era para esse velho crucifixo que eu levantava os olhos, rezando para dentro, quando o Carlos Dinho respondia sem qualquer nexo às perguntas feitas pela professora. O rapaz não tinha culpa de ser matarruano e mais entendido em cabras e vacas que vias-férreas, províncias ultramarinas ou unidades de peso e medida. Talvez por isso se comentasse que a Professora Henriqueta era “boazinha” e não batia, comparativamente com os outros professores.

Nesta sala não há palmatória! Já me chega a férula da minha vida. – dizia muitas vezes a professora, deixando-nos contentes por percebermos bem a primeira parte da mensagem e curiosos à em relação à segunda, que só mais tarde entendi.

Nessa altura ninguém sonhava que o Dinho viria a ser um reconhecido mestre de obras, pudesse chegar à elite dos mais abastados da aldeia e ao cargo de mais perene presidente da junta que a freguesia conheceu desde o 25 de Abril.

Na minha 4ª classe havia um punhado de aprendizes que já tinham pelos nas ventas. O “mais grande” era o Armindo da Tapada, que já namorava com uma rapariga que ajudava na venda da Dona Celeste. Era o único que fazia gazeta à catequese e à escola quando queria, sem ninguém o apouquentar. Nem os pais, nem o padre e nem mesmo a professora. Quando brotava o calor, passava as

tardes a pavonear-se na represa do rio Mira, a concorrida piscina da plebe, onde todos aprendemos a nadar. Chegou a ser o meu herói, o Armindo. Foi ele um certo dia que respondeu a uma pergunta que eu falhei. Tinha como adquirido que a água era branca, até ao dia em que ouvi fortes gargalhadas da classe desabarem-me em cima, o Armindo emendar e a professora espantar-se:

Branca, meu Deus??!! Como leite, não? Incolor! Estás a crescer e a desaparecer, rapaz!

Assim seja! Um homem está sempre a aprender e neste mundo já não há certezas. Aquela asneira doeu-me na alma e no orgulho. As lágrimas ficaram mesmo à pontinha dos olhos, “num cai não cai” indefinido, prolongado e sentido. Foi como se me tivessem batido forte e feio na consciência. Fiquei definhado...

...Até a professora Henriqueta vir ao meu lugar para consolar-me com algumas palavras de carinho que jamais esquecerei.

Saí da escola feliz e entrei em casa a sorrir!

Depressa chegou o enfático dia do exame da 4ª classe. O Carlos Dinho e mais um ou dois foram deixados para trás, ainda que confortados pela professora. Pela parte que me tocou, lembro-me de ter estado à altura das responsabilidades e de trazer na minha mão um cavalinho de corda, que serviu de prova às minhas habilidades manuais, também elas testadas nesse exame.

Após o intenso interrogatório, enquanto minha mãe, feliz pela prestação a que acabara de assistir, aliviava a asfixiante gravata de elástico pendurada no meu pescoço, a professora Henriqueta entrou na sala com uma euforia contagiante para comunicar os resultados e despedir-se de nós, um a um, brindando-me com um rijo e sentido aperto de mão:

Parabéns! Agora faz-te à vida para seres um homem livre!

Foi o primeiro dia da caminhada para a minha emancipação e senti aquele misto de alegria e nostalgia que regressa nas poucas vezes que passo pelo edifício da velha escola, agora abandonada e despida das nobres árvores entretanto abatidas, que durante várias gerações ajudaram a refrescar e animar os recreios. E mais que isso, foram para mim as balizas dos meus sonhos. Delas, quando podadas, aproveitamos os ramos mais fortes para servirem de andas e permitirem-nos alargar o passo, caminhar sem rodeios e ver o mundo de cima.

Ao longo dos anos que passaram, todos os professores da minha escola foram desaparecendo. A Dona Maria dos Anjos, a dedicada contínua, bem como alguns dos meus colegas e amigos da altura, também. A casa onde antigamente se apanhavam malhas em meias e que Dona Belinha deixou após tanto sofrimento provocado pelo desumano marido, deu lugar ao moderno e frequentado posto médico da freguesia, entretanto desativado.

Quando olho para trás, sinto que pertenço a uma geração que passou metade da sua vida a criar coisas e a outra metade a fazê-las desaparecer.

O tempo molda tudo e todos; afasta-nos das nossas próprias memórias, mesmo quando sabemos o cantinho onde as deixamos guardadas. Ao longo da minha vida, sempre que (re)via a mi-

nha primeira professora, nas poucas vezes em que os nossos olhos se encontravam e bailavam num misto de timidez, alegria e cumplicidade, sentia-me outra vez menino.

Nunca fui capaz de perceber e descodificar os sentimentos que pelo seu coração perpassam nesses raros e casuais momentos em que nos cruzámos e revisitamos. Creio que nem os meus próprios sentimentos consegui ainda perceber.

Certo dia, a professora Henriqueta, já aposentada, num desses poucos e fortuitos encontros em que eu seguia com uns amigos, não me tratou por tu (ao contrário do que sempre tinha acontecido) - coisa rara, dolorosa e estranha para mim, quiçá para ambos.

Continuava a sentir o seu afeto e o mistério, mas foi doloroso encaixar o "senhor" com que ela "atirou", antecedendo o meu primeiro e último nome. Ainda que sentisse ali mesmo, uma crescente vontade de esclarecer o estorvo e esconjurar aquele trato, prevaleceu um inexplicável acanhamento e um incómodo intrigante.

Revivi memórias, histórias, momentos e toda uma infância em que a minha professora foi o centro do mundo. Mas aquele trato, aquele distanciamento sem responsáveis por tal, deixou-me sorumbático. Concluí naquele momento que seria melhor não partilhar o que senti. Foi como se esse meu baú de memórias tivesse sido assaltado. Fiquei paralisado...

Como ficaria uns meses mais tarde, quando por mero acaso soube da morte dela; da minha primeira professora. A partir desse momento deixei de ser verdadeiramente criança! Também soube da sua vida difícil, da perseguição política que teve até ao 25 de abril, dos maus tratos que sofreu por parte de um marido cruel, de uma separação dolorosa e de um divórcio que só foi possível consumir após a chegada da democracia. Fiquei a conhecer ainda mais do seu empenho na luta pela igualdade de género e a militância em campanhas contra a violência doméstica. Uma autêntica guerreira, como as pessoas que sempre a acompanharam falavam dela, recordando que mesmo depois do 25 de abril, em 1975, participou no segundo congresso do Movimento Democrático das Mulheres, em que foram reivindicadas a igualdade de direitos entre mulheres e homens na futura Constituição, a proteção da maternidade, creches e escolas.

Nem oportunidade para me despedir, para falarmos de nós ambos, para agradecer-lhe a mestria, os ensinamentos, a luta pelos seus direitos e retribuir-lhe o afeto. Muito do que sou, foi com ela que aprendi.

Desde esses dias até hoje, ainda não compreendi o que teria levado à mudança no trato. Quem ou o quê urdiu a génese daquele "senhor"? Eu? Ela?, Nós? A vida e as suas circunstâncias?

Procuro remexer o tal baú das minhas memórias e visitar os caminhos percorridos, mas tudo o que se resgata do passado nem sempre consegue explicar o presente.

Ao caminhar nestes dias de visita à infância pelas quelhas e vielas da minha velha aldeia,

contemplo a grandeza da várzea e coloco o pensamento e o olhar no miradouro do antigo castelo. É também aí que tento encontrar respostas, reavivar memórias, ajustar contas perante um défice que ainda está por cobrir.

Se ela ainda estivesse entre nós, a minha velha professora, se eu ainda pudesse ir a tempo, no nosso próximo encontro, mais provocado que casual, procuraria tirar tudo a limpo.

Olhos nos olhos, como poucas vezes (pois quase sempre eu baixava a cabeça em sinal de respeito), teríamos falado de coração aberto das nossas vivências, das cumplicidades, dos trilhos que juntos e separados percorremos e dos sonhos feitos e desfeitos. Perguntar-lhe-ia tudo o que fez pela emancipação da mulher, pela igualdade de género e por tudo o que sofreu nesse percurso de coragem. Teríamos exorcizado todas as barreiras que a vida nos colocou e nos fizeram resvalar para a utilização desse “senhor” tão incómodo e perturbante.

Volto a procurar outras respostas nas cegonhas brancas que por aqui passam, nas pedras das vielas da aldeia, agora que curvo a cabeça, desolado. O silêncio atormenta-me.

Resta-me deixar aqui a minha última “redação”, como era habitual chamar aos nossos exercícios de comunicação escrita, o derradeiro trabalho de casa que elaborei para a professora que me proporcionou as melhores lições de vida, na esperança de que outros a leiam por ela:

Redação

À memória da minha Professora Henriqueta, que me ensinou a ler e foi a primeira pessoa a quem ouvi falar da igualdade de género.

“Era uma vez” um país, uma Mulher, ambos censurados e reprimidos, desesperadamente debruçados no parapeito da janela de onde se avistam os sonhos, estendendo a mão na procura e alcance da Liberdade.

Uma Mulher convicta, sitiada num país cinzento, que se recusava a aceitar injustiças e a contemplar o destino. Por isso foi perseguida.

Certo dia, corria a primavera, despontou uma madrugada diferente e essa Mulher ergueu-se ainda mais, pelejou, construiu um desígnio e vislumbrou uma fenda colorida em tons de azul-turquesa entranhada num país novo, com muita esperança e sentimentos benévolos e solidários.

A heroína desta história é essa Mulher, personificada pela Professora Henriqueta, que acredita que a Liberdade é como reler Torga na serenidade do tempo que caminha sem chegar.

No âmago dessa vontade ecoava o irresistível fascínio de derrubar barreiras e continuar a percorrer a estrada da igualdade de género, de escrever e cantar os versos proibidos, de transpor os horizontes limitados. Sem peias.

Essa Mulher, Professora, Henriqueta, sabia que a Liberdade é entoar telas de amor, da labuta e da folia em dádiva de emoções.

Em segredo, como se fosse um sonho, ou gritando pelas ruas, para dar asas aos mais genuínos anseios, despedaçou amarras e lutou para derrotar o despotismo, a misoginia e edificar no horizonte um “puzzle” de esperança.

O engenho da Mulher, protagonista desta história, foi e continua a ser o de agir como um glóbulo verde, um glóbulo da esperança, essa partícula que fortalece o pensamento sem estorvo. É fazer ouvir a sua voz até ver por todos praticado o direito à plena equidade.

Um dia, desacorrentadas as mulheres que sofrem de injustiças e de abusos, fruto da sua força inesgotável sempre presente, este conto terá um final feliz, onde as

heroínas, sejam professoras, operárias, chamem-se Henriqueta, Cristina, Maria ou simplesmente Mulheres, conseguirão através da luta permanente alcançar o cabal cumprimento dos seus direitos.

A igualdade de gênero vai finalmente chegar e sentiremos pulsar no coração, atapetado com um matiz de esperança e da essência da condição humana, A JUSTIÇA SOCIAL E A LIBERDADE.

Bem-haja, Professora Henriqueta!

Na sua sala de aula nunca existiu palmatória e a única férula da sua vida foi consequência das lutas que travou por um mundo em que homens e mulheres sejam livres para fazer as suas escolhas, usufruindo das mesmas responsabilidades, direitos e oportunidades.

Essa férula feita razão deixou-me na memória o seu exemplo e o estímulo para prosseguir o propósito.

As escritoras com mãos de vidro

Judite Canha Fernandes

Fiction is like a spider's web, attached ever so lightly perhaps, but still attached to life at all four corners.

Virginia Woolf, A Room of One's Own

- Será que algum escritor passa por isto? Será que algum escritor esfrega sanitas? Pousei o piaçaba encharcado em lixívia sobre os azulejos frios e fixei as paredes da casa de banho, perigosamente alheada do que estava a fazer.

- Claro que não. Obviamente que não. Se assim fosse, teríamos múltiplos romances, complexos ensaios e reconhecidas epístolas sobre o universo das sanitas e das piaçabas. E poemas sobre retretes seriam obras magnas! - Usando o piaçaba como microfone, compus ali mesmo, de joelhos, um poema.

*Oh latrina que me queimaste as mãos
quando dobrado encarava tua figura sinuosa,
eleva-te, retira desses empestados tronos
que te ocultaram,
deformaram a elegância das tuas formas,
a profundidade atroz e sublime das tuas metáforas.*

Seria um clássico. Seria. Condicional. Sabia que tinha de parar com aquilo. Doíam-me cada vez mais as costas, tinha perdido mais meia hora do meu precioso tempo e os azulejos

mantinham-se por esfregar, santo deus que estavam cinzentos quando originalmente tinham sido brancos. Ajustei a máscara, compus as luvas e atirei-me de novo ao trabalho com vigor. A nova hóspede chegou à hora marcada, a casa não brilhava, é certo, mas parecia composta, nenhuma loiça empilhada no lava louças, a cama feita com lençóis lavados, o chão varrido, o fogão a brilhar, as mesas sem pó. Sorri muito,

- welcome!

Entreguei-lhe a chave, confiei-lhe os truques da casa, a porta que se tinha de fechar devagarinho, a máquina de lavar roupa que só funcionava quando ligada diretamente no quadro e, finalmente, a localização dos materiais de limpeza, explicação subtil para indicar que não era empregada de limpeza, sequer a senhoria. Eu era apenas alguém que, aos sessenta e cinco anos, partilhava o apartamento que conseguira, em tempos melhores, arrendar, e cuja renda era agora incapaz de suportar sozinha.

Deixei-a no quarto e voltei à sala. Olhei vagamente para o computador, e acabei por atirar-me para cima do sofá, incapaz de resistir ao cavalgante raciocínio que me tomava. Voltei a lembrar-me do que tinha provocado tudo aquilo - a palestra da escritora no dia anterior. Quando terminou, pensei em aproximar-me dela. Embora um pouco intimidante, não parecia antipática. Sentia, entre as frases cortantes, a doçura do sorriso que lançava para nós. Mas sou demasiado tímida, nunca sei o que fazer com a boca e os pés, impor a minha presença, mais ainda sem ter realmente o que dizer. Cada frase que imaginava proferir soava-me ridícula e as minhas mãos começaram a parecer as cataratas do Niagara. De modo que subi a rua e apanhei o autocarro como se alguém me perseguisse. Apenas quando cheguei a casa, liguei o gravador e voltei a ouvi-la:

(...) As mulheres escritoras recebem menos nove por cento do que os homens. Sem contar que me será colocada infinitas vezes a questão "Acha que escreve para mulheres?"; "A sua escrita procura traduzir o feminino?"; ou ainda, a clássica, "Acha que há uma escrita de mulheres?". Curiosamente, ninguém coloca estas perguntas aos escritores, nem sequer, postumamente, ao Daniel Defoe por ter escrito o Robinson Crusoe. Em síntese, além de ter de trabalhar mais para receber menos, tenho de estar sempre a provar que escrevo sobre e para os seres humanos em geral.

- Em pleno século XXI!?!? Que exagero. É uma escritora... tem demasiada imaginação. E os escritores miseráveis, podres e loucos, quem lhes lava as sanitas?

No dia seguinte, um domingo (como amo, os domingos...), só consegui sair da cama pela hora do almoço. Levantei-me com as frases dela engasgadas, pequenos pedaços de pão enrolados numa bola cada vez maior. Cuspe e pão brincando na garganta. Tinha sonhado com ela, ela abria as pernas e começava a sair-lhe areia da vulva, depois pequenos pingos de água choviam e formavam uma pequena praia de areia fininha. Eu aproximava as mãos da areia e logo a praia se desfazia. A

meio dessa mesma tarde, sentada à frente do computador, lembro-me, perguntei-me o que queria ela dizer com o comentário sobre o Robinson Crusoe. Imaginava que se referisse ao facto daquele ser um livro cujas únicas personagens eram dois homens sozinhos numa ilha deserta, e com isso quisesse acentuar como, mesmo nessas circunstâncias, ninguém terá perguntado a Daniel Defoe se escrevera um livro para homens ou se procurara traduzir o universo masculino. Fui pesquisar.

Os resultados que obtive foram esclarecedores. Samuel Taylor Coleridge, insigne poeta e crítico literário da época, referia, acerca do livro: *Crusoe é ele próprio o representante da humanidade em geral; é o representante universal, a pessoa por quem qualquer leitor se poderia substituir. A sua única característica proeminente é o espírito de empreendimento da errância, que é, no entanto, uma disposição muito comum.* Ou seja, dois homens numa ilha representam a universalidade. Na verdade, bastava apenas um, já que o Sexta-feira era somente um figurante.

Passei a mão sobre o rosto, sentia-me confusa e cansada, doíam-me os ombros da noite mal dormida e tinha demasiado por fazer para poder dar-me ao luxo de ficar absorta em intermináveis perguntas de duvidosa utilidade, ou perder tempo com pesquisas sobre escritores do século XIX. Entrava outra hóspede e restavam-me menos de duas horas para compor a casa. Enfiei as luvas e fui de novo lavar a sanita e a banheira.

- Será por isso, pelas dimensões concretas, materiais, de muitas, que as escritoras não navegam os mesmos mares de sucesso? Que eu não consigo? Por preocupar-me com coisas comezinhas como a limpeza de WCs? São elas, eu, incapazes de romancear as grandes questões do mundo? E as escritoras ricas? As sanitas são assuntos menores? - Perguntava, e a sanita parecia engolir-me.

Esta ideia, de que a divisão sexual da escrita se encerrava na maior ou menor amplitude da temática, parecia-me ridícula. Afinal, já tinha lido Marguerite Yourcenar, Suniti Namjoshi, Doris Lessing, Alice Walker, Arundhati Roy, Chimamanda Adichie, só para nomear algumas. Falavam de tudo, do pequeno envelhecer de uma ruga à reinvenção filosófica e política das fábulas do mundo.

- Será ainda outra coisa? Será que uma "educação de mulheres" nos faz demasiado sensíveis para poder escrever sem piedade? Será que as escritoras têm mãos de vidro? - Olhei, aturdida, para as minhas mãos, e não pude deixar de notar nelas uma inesperada transparência, além de alguma dor. - Artrose, provavelmente.

Patrícia Highsmith tinha mãos de algodão? Mary Shelley era demasiado sensível? Que monstro teria Frankenstein criado, se fosse tal o caso? Uma flor de estufa? Nellie Bly era delicada? Como resistiu então aos dez dias a pão duro entre os ratos, que depois nos descreveu sem metáforas? Pensaria nisso Hitchcock quando adaptou Os pássaros de Daphne du Maurier? Não. Não era isso. Se alguém pensava tamanha barbaridade era porque nunca lera Clarice Lispector, ou Elfriede Jelinek, ou Marie Darrieussecq, ou Buchi Emecheta, ou Ann Radcliffe, ou Ana Cristina César, ou Ruth Rendell, ou Lucia Berlin. Não tinham as Três Marias resistido a meses de interrogatório da

PIDE? Não, essas senhoras não tinham, não têm, delicadas mãos de flor. Até eu, se quisesse, poderia descrever uma lâmina afiada a deslizar sobre umas pernas brancas, cheias de sinais, só para retirar uns pelos ruivos a mais. E prosseguir, fazendo raspar a lâmina sobre o púbis, arrancando-lhe os penelhos encaracolados até não restar nenhum. Só depois a personagem peidaria ruidosamente, pelo alívio em terminar a delicada operação, de tal modo relaxada que correria a se esfregar contra uma almofada e gozar um orgasmo, os olhos revirados frente à parede branca e a franha salpicada em leque pelo sangue emergente das pequenas feridas. Eu nunca escreveria algo assim, mas poderia. Se quisesse. Mas, e era isto o que me preocupava cada vez mais, por que não conseguia afastar-me daquele assunto? Por que sentia o texto tantas vezes mole e as minhas mãos presas? Há, ou não há, uma “escrita de mulheres”? As mulheres são menos dotadas para a escrita? O mundo literário é mais difícil de conquistar para elas?

Decidi separar por sexo os volumes da minha biblioteca. Reparei num pé de hortelã que desabrochava no vaso ao lado da prateleira, apertado entre os outros ramos, e passei-lhe o indicador. O dedo ficou perfumado, uma pequena folha caiu. Notei a seguir que se acumulara mais pó sobre a secção de poesia do que sobre as restantes, pequeno facto que me fez dispersar. Comecei a contar. Em duzentos e trinta e dois livros, duzentos e sete homens, vinte e cinco mulheres. Voltei a sentar-me e comecei a alisar o veludo gasto do sofá. Apanhei um fio solto e comecei a puxá-lo devagar. Já não me escapava, a verdadeira razão da palestra ter-me perturbado tanto. Confesso, eu queria, quero, tanto, tanto, ser escritora que, ainda pequenina, não mais de seis ou sete anos, não achando suficientes os livros disponíveis na biblioteca pública, comecei a ir a uma livraria perto do trabalho da minha mãe para poder ler mais livros, sem pagar. Chegava furtivamente, sentava-me sempre na mesma cadeira de vime, no canto mais longe da montra e da luz, tirava um livro da prateleira e fingia analisar o livro para o comprar. Li assim muitos volumes. Mais de uma vez a minha mãe veio buscar-me.

- Elena! Não te bastam os livros da biblioteca? Ou aqueles que tens em casa?

Nesse mesmo ano, ofereceu-me a coleção completa do Sandokan, certa que tão grande número de páginas me tomaria muito tempo. Li os espessos volumes, todos, em menos de uma semana. Conto tudo isto como sinal inequívoco de ser escritora, porque escrever é isso, não é, um amor incontrollável por livros?

Comecei a sonhar ser escritora aos seis anos e até hoje nunca deixei de o fazer. Um sonho louco, obsessivo, que me persegue. Mal consigo um segundo no trabalho em que ninguém veja o que estou a fazer, abro o caderno e começo a golpeá-lo com palavras. Tento deixar a escritora em casa, mas nunca consigo. Ela vem sempre comigo. Todos os domingos pela manhã (oh, como amo os domingos...), saboreio o café e espero a agitação entrar, crescer, subir, até não conseguir outra coisa a não ser deixar as frases correr, embestadas, fraquinhas, sublimes. Frases, frases, frases, a que, eventualmente, faltam mãos de aço.

- Por que sinto tantas vezes o texto mole?

O que pela primeira vez me ocorria, era que as minhas dificuldades em ser publicada poderiam estar relacionadas com o género ao qual sinto pertencer. Ao meu género de mulher. Ou era por não ter dinheiro para me autopublicar? Ou, ou, ou. Porque eu tentei, tentei muitas vezes, antes de tentar desistir. Qual era a verdade? As minhas mãos eram de vidro, ou eu corria sobre um chão de vidro? As minhas mãos eram de vidro, ou eu era refém de fantasmas? As fantasmas são menorzinhas, ou não sei tomar os fantasmas e crucificar os lençóis? A escrita está para além das régua do mundo? Existe, uma verdade?

Lembrei-me de ter visto, na semana anterior, o anúncio de uma sessão de poesia de mulheres, num bar não muito longe da minha casa. Na altura pareceu-me ridículo,

- eu não quero esse tipo de favorecimentos.

Mas se calhar podia ser lá que encontraria respostas. Localizei rapidamente o evento, "Poesia no feminino". Logo eu, tão "feminina", com estas mamas que parecem dois caroços e o cabelo grisalho cortado a pente dois. Hesitei se devia ou não levar um poema meu, já me parecia loucura suficiente ir para um lugar onde provavelmente não conhecia ninguém, ler alto poesia, e ainda queria levar poemas meus debaixo do braço.

- Devo estar a enlouquecer.

Mas, mas, mas. Procurei lembrar-me da firmeza da voz da escritora, deixei-a alimentar-me (era bonita, ela...), pus sobre as calças uma blusa vermelha que uso raramente, está rota debaixo do sovaco, dei um jeito à casa de banho, e quando dei por mim estava no interior do autocarro a caminho da sessão. Perdi-me, e cheguei atrasada. Tinha visto em casa o percurso e terei virado à direita onde devia ter virado à esquerda. Quando entrei, uma rapariga morena lia *O sonho de uma língua comum*, de Adrienne Rich, com voz pausada. Marcava bem as frases. Olhei a sala, estava apinhada, acabei por encostar-me na parede mais próxima. Reparei, antes de fechar os olhos para ouvir, que a pequena reprodução do *War* de Paula Rego pendurada sobre a minha cabeça estava torta. Escutaram-se muitas palmas quando ela acabou. A sala vibrava, agarrava o ar uma espécie de volúpia. Seguiu-se *Enquanto o mundo dorme* de Mirabai, lido por uma rapariga nervosa. Enquanto lia, pude ouvir a vibração da sua garganta prestes a explodir.

Tinha reparado, logo que entrara, num homem encostado ao balcão do bar. Tinha barba e cabelos escuros, camisa de linho branca, e fumava um charuto. Reparei nele porque enfiou dois dedos grossos, o indicador e o dedo médio, num copo de brandy, molhou-os bem e passou-os pelo charuto, coisa que nunca tinha visto ninguém fazer. Voltei a dar-lhe atenção porque levantara o braço como se pedisse para falar. Deixou-se estar assim todo o tempo que durou a leitura do poema que se seguiu ao de Mirabai, o *Com licença poética* de Adélia Prado, e logo a seguir um outro, não ouvi bem o título, mas parece-me que seria *Contra o coito*, de Fleur Adcock, lido por um rapaz novito que emitiu uma gargalhada sonora ao terminar. Uma mulher com um lenço roxo de seda onde se via

desenhado um punho, aparentemente a responsável por animar a sessão, fez sinal ao homem para que começasse a ler. Ele afastou-se do balcão e aproximou-se do centro da sala.

- Não quero ler um poema. Quero levantar uma questão. Não acho bem que leiam poesia só de mulheres, parece-me incrível que estejam a excluir poetas homens, não é justo para a poesia pôr de fora tantos homens e poemas incríveis. Isto é sexismo! Mais, isto é discriminação!!!

Um intenso maremoto, que provavelmente teria estado sempre ali, contido mas pronto a avançar, tomou conta da sala. A mulher ajustou o lenço em torno do pescoço e procurou acalmar os ânimos.

- Olhe, não é nossa intenção excluir ninguém, apenas dar visibilidade...

- Estão a excluir sim! Muitos e muitos poetas! Isto é incrível, vergonhoso! – O homem, tomado por uma fúria crescente, falava cada vez mais alto, o charuto abandonado no cinzeiro. - E agora não me querem deixar falar! Mas eu vou falar!! Isto é a ditadura do politicamente correto!

- Deixamos sim! Pode ler o que quiser, se faz tanta questão -

- Deixem-me explicar-vos algo, minhas senhoras, sobre a poesia. A literatura está acima dessas-

Uma rapariga encostada a meu lado na parede, sussurrou para uma outra:

- Já cá faltava o *mansplaining*...

- *Mansplaining*... Aquilo era inglês? – Aquela gente vivia num outro planeta.

Tomei nota da palavra, decidida a procurar mais tarde o que queria aquilo dizer. Não consegui assistir a mais de quinze minutos daquela balbúrdia, não suporto discussões e acho que me feria, testemunhar uma sessão de poesia se transformar numa tourada. Comecei a repetir como um mantra *O dia inicial inteiro e límpido O dia inicial inteiro e límpido O dia inicial inteiro e límpido*. Primeiro imaginei que ela me abraçava, que era ela, a escritora, quem me sussurrava ao ouvido Sophia, depois comecei a sentir uma raiva crescente pela escritora por ter-me arrastado até ali. Porque se eu não a tivesse ouvido, a verdade é que eu não estaria naquela sala cheia de gente ressentida, com raiva de alguma coisa impossível de nomear.

- Faz o trabalho doméstico Joãozinho, faz o trabalho doméstico Joãozinho, se não queres ficar sozinho! Machistas, não passarão! Racistas, não passarão! Te cuida, te cuida, te cuida seu machista, a América Latina vai ser toda feminista! - Era o que se ouvia, a sala uma babel de sotaques, muitas mulheres e alguns homens, todos aos gritos, cada vez mais enlouquecidos e primitivos.

- Guarda o teu chicote, cabrão, e vai para casa lavar as fraldas! - Foi a última coisa que ouvi.

Tomou-me uns dez minutos conseguir sair dali. Com as pernas ainda a tremer, apertada entre duas pessoas e de pé, segui no autocarro com a sensação de ter entrado num rio para perceber que o rio afinal corria ao contrário. Continuei a repetir *O dia inicial inteiro e límpido*, até uma pergunta me interromper o mantra.

- A quantas sessões de poesia já fui em que só foram lidos homens? Muitas.

Nunca, em nenhuma delas, alguém se indignou. A ninguém pareceu sequer ocorrer qualquer reflexão sobre o assunto. Era um não-assunto. Talvez porque não estava escrito “poesia no masculino” à entrada? Mas que mudava isso? O facto permanecia o mesmo, naquelas sessões eram apenas lidos poetas homens e isso não parecia incomodar ninguém.

- Existem muito menos escritoras mulheres, é natural lermos mais homens! - Insistia o homem de braço em riste.

Natural é uma palavra que dá que pensar, tantas camadas tem, mas fiquemos com ela. Alguém respondeu de imediato:

- É por isso mesmo que fazem sentido sessões com poesia só de autoras!

Seria verdade? Seria Safo, tão longe no tempo, uma exceção que a história da literatura não voltaria a repetir? Ou olhar o passado é uma deformação de espelhos? Em *Northanger Abbey*, Jane Austen escreveu um pequeno diálogo que me veio à memória.

- A história, a História solene e real, não me interessa nada. E a si?

- Eu adoro a história.

- Como a invejo. Li um pouco de história, por dever; mas nela só encontro motivos de irritação e aborrecimento: querelas de papas e de reis, guerras e pestes em cada página, homens que não valem grande coisa, e quase nenhuma mulheres – é muito fastidioso.

Entrei em casa ainda nervosa e com as sobrancelhas franzidas. Os meus tremores estavam a ser substituídos por uma crescente irritação. E essa irritação começou a aumentar paulatinamente. Por quatro noites, não consegui dormir. Despertava, mantinha os dentes cerrados, doíam-me as maxilas, abria e fechava a boca e procurava adormecer, sem sucesso. Os meus azulejos ficaram imaculados, de tanto os lavar. No quinto dia, acordei afónica. Era tamanho o meu torpor que atirei duas vezes a cabeça contra a parede e não senti nada. De nada me serviu, a voz não voltou. Meti o polegar e o indicador na boca e tentei fazer sair a língua. O cuspe começou a sair-me pelos lados dos lábios, houve um momento em que consegui segurar a ponta da língua, mas nada mais. Experimentei fazer caretas, bocejos, girar a língua dentro da boca, segurar uma rolha entre os dentes, silabar trava-línguas. Nenhum sucesso. Finalmente, experimentei comer pedras redondas, cuspi-las, beber água, gargarejar, nada. Tentei soletrar rosas,

- Uma rosa é uma rosa é uma rosa¹.

Tentei soletrar rosas vermelhas, rosas brancas, com espinhos, sem espinhos, efusivas, secas, sem nenhuma pétala, com todas as pétalas, a ferver. Nada.

- Hmmmmmmmmm – era o que conseguia proferir, sob um esforço dilacerante.

¹ Gertrude Stein

Muito bem. Iria proceder a uma pesquisa própria. Iria iniciar uma investigação exaustiva sobre escritoras mulheres e resolver o enigma. Em cada dia giraria o meu globo até parar com um dedo sobre um país. Nesse dia dedicar-me-ia a pesquisar sobre as escritoras desse país. Ia recuperar a voz pelas outras. Comecei nesse mesmo dia. Peguei no globo, fechei os olhos, o meu dedo parou sobre o México. Nesses dias, não sei se já o fiz claro, a minha vida mudou. Continuava com a língua oculta, parecia presa por um alfinete ao fundo da boca, comia fruta esmagada e bebia litros de água, e observava mãos que pareciam semelhantes às minhas, página após página. Mas devo dizer, antes de partilhar o vigor e resultados da minha pesquisa, que nesse intervalo ocorreu um pequeno acontecimento de alguma importância. Encontrei um artigo de uma escritora, Catherine Nichols, onde esta contava como tinha criado um endereço eletrónico falso, um nome falso, masculino, e tinha enviado uma resenha de um livro seu para averiguar qual o interesse em o editarem. O mesmo livro que antes tinha enviado sob seu próprio nome. Foi assim que uma sementinha venenosa começou a fazer um caminho insidioso no meu cérebro. Durante uma semana, deixei de esfregar a sanita – abandonei o brilho e os azulejos. Uma manhã descobri um projeto, patrocinado por uma marca de tinteiros, que refazia as capas dos livros das escritoras que tinham publicado sob nomes masculinos. Foi aí que encontrei pela primeira vez Fernán Caballero, pseudónimo da escritora Cecilia Böhl de Faber y Ruiz de Larrea. Tomei mais um gole de café e detive-me a admirar a ousadia do pseudónimo. Fernán Caballero. Cecília foi de tal modo Fernán que, a procurá-la em algum motor de busca, o melhor é pesquisar pelo Fernán.

- Se tivesse de escolher um pseudónimo, que nome escolheria?

Não que o pensasse fazer, mas pareceu-me interessante o exercício. Percebi que, se o fizesse, seria Sancho, o Quixote na sombra. Afónico, como eu. Sancho Maya de Oliveira. Dar-me-ia inclusive a vantagem de, caso fosse descoberta, esgrimir outras razões, menos polémicas do que o género, para a minha escolha de pseudónimo.

- Eu pretendia o anonimato, a liberdade de uma pena que jamais se sujeitasse a qualquer olhar sobre a sua vida privada – diria, quando me pedissem explicações. - Além disso, acredito na força das oliveiras.

Naqueles vastos dias de pesquisa, acedi aos factos mais extraordinários. Que *Tale of Genji* de Murasaki Shikibu é considerado um dos mais notáveis marcos da literatura japonesa e o romance mais antigo do mundo, que Agatha Christie foi quem mais vendeu livros na História da literatura, lado a lado com Shakespeare e a Bíblia, que Mary Shelley inaugurou, aos 18 anos pasme-se, a ficção científica como género literário, que o primeiro Nobel da literatura atribuído na América latina foi a uma mulher, Gabriela Mistral, que Maya Angelou mudou a história da narrativa autobiográfica, que são fundamentais à literatura erótica a Colette, Djuna Barnes, Anais Nin ou, par a par com o Marquês de Sade, "Pauline Réage". Que Alice Munro revolucionou a estrutura do conto e Emily Dickinson a poesia norte americana. Que a única mulher negra a ganhar um Nobel da literatura foi Toni Morrison,

um prémio que raramente foi negro. Li-as com avidez. Devorei-as. Tudo aquilo me fascinava, embora metade fosse estatística (os números são o vazio dos desesperados), e a outra metade fosse apenas História. Ora, a História é amiúde uma fábula do recorte daquilo que foi contado. Eu precisava compreender o presente. Isso, e abrir a caixa de pandora, que era o estado da relação entre as minhas mãos e a minha boca.

Caixa de pandora. Metáfora encontrada pelos gregos para representar, num enredo de fácil compreensão, conceitos relacionados com a natureza feminina, como a beleza, a sensualidade e o poder de dissimulação e de destruição.

Foi nesse exato momento, quando li aquelas duas palavras, “dissimulação” e “destruição”, que decidi terminar o texto que acompanharia a submissão do meu livro ao mercado editorial, apresentando-me como Sancho Maya de Oliveira. Mesmo consciente do plágio à ideia de Catherine, iria experimentar o que ela tinha tentado. Após um gigantesco esforço, consegui pôr a língua de fora. Mantive-a assim, com a ponta a tocar o queixo, até a saliva começar a dificultar-me a respiração. Eu seria o cavaleiro Sancho. Espalhava-se sobre as minhas mãos pequenas o fulgurante brilho metálico de uma armadura, tão brilhante quanto enferrujada. Pois sim. Da crisálida emergiria uma borboleta que manteria leitoras e leitores em fascinação. Atribui-me uma biografia semelhante à minha, no masculino, melhorei a sinopse do livro, revi tudo com cuidado e, com as mãos a tremer e o coração a galope, enviei o email. Eram quinze horas e vinte e sete minutos do dia oito de março de 2019. Logo a seguir, pensei escrever à escritora, contar-lhe o que as palavras dela tinham gerado, do turbilhão em que vivia, da minha boca engolida, dos meus dedos fraturados, ou como tinha reparado que os seus ombros eram suaves, ou que nunca tinha conhecido um olhar assim.

- Idiota!

Quando a noite chegou, via escritoras por todo o lado. Não exatamente os seus rostos, apenas centenas de mãos, finas e grossas, nodosas e lisas, unhas curtas e compridas a martelar sobre um teclado. Pareciam furiosas. Tentava tapar os ouvidos, mas os sons sobre as teclas, que alternavam mãos de vidro, mãos de aço, mãos de pelica, eram ensurdecedores. Apesar de serem mãos “menores”, arredadas do fluxo central da corrente, do coração do génio literário, ali na minha sala edificavam, sem eufemismos, uma prosopopeia de putativa mas inegável expressão. “A literatura não está desligada das réguas, sua tola, mas tu podes tentar não te entortar com os milímetros. Deixa as tuas palavras falarem”, dizia uma das mãos. Uma delas, que mais tarde reconheci ser Virginia Woolf, gritava-me “Sequer leste o *Um teto todo seu*? Não sabias que anónimo é uma mulher? Em que terra imaginária tens vivido? Idiota!” Ainda tentei dizer-lhe “Eu não nasci assim, tornei-me assim!”, mas já outra, pousando o braço sobre os meus ombros, começou a fincar-me as unhas de cristal pelo lado esquerdo do peito com a precisão de uma cirurgiã, enquanto outra ainda escrevia, lesta apesar dos

seus dedos moles, algo que se assemelhava a um poema em torno do meu umbigo. Era a Szwimborska. Outra delas, que me pareceu, estranhamente, uma atriz portuguesa, aproximou-se de mim de gatas e começou a murmurar-me obscenidades ao ouvido. Acordei pelas sete da manhã com a luz a bater nos olhos, a sala toda iluminada, com dores por todo o lado devidas a mais uma noite mal dormida. Estava encharcada em suor e húmida. Ainda hoje, não sei se me terão aterrorizado ou excitado a fúria e as palavras daquelas mulheres. Saltei do sofá, procurando desenrolar com rapidez a roupa que me tinha dado voltas ao corpo e agarrei o computador. Abri o email do Sancho. Tinha duas respostas.

- Duas respostas!

Antes mesmo de as ler, coisa que talvez nunca tivesse coragem de fazer, ainda pensei em escrever no corpo do email "By a Lady. Sorry." Não era uma tentativa de aproximar-me de Jane Austen, era apenas uma possibilidade de desfazer todo aquele engano. Pensei, mas não consegui fazer nenhum movimento. Tinha bem presente como, num dos muitos textos daqueles dias, lera que quando a identidade de George Eliot foi revelada após a publicação de seu primeiro romance, um jornal de crítica literária reviu a crítica que tinha feito ao livro. A primeira elevava-o aos píncaros. A segunda destruía-o. De qualquer modo, iria agradecer-lhe, à escritora. Como se chamaria ela? Poderia procurá-la nas redes sociais. Fui procurar o programa do debate no Rato. Perplexa, tive de ler o nome duas vezes. O nome dela era o meu.

Ontem apenas

Inês Antunes

É verdade, uma fila enorme. Estive lá horas, horas, horas, cheguei a pensar que não me chamavam, com a sorte que uma pessoa tem, nunca se sabe, já não digo nada. Mas foi, foi muito tempo à espera, muitas pessoas a chegar, a tirar senha, a levar as mãos à cabeça, está a ver, assim, como quem desespera. E é, é um desespero, para lhe ser franca. Eu nem sabia que à chegada, num sítio destes, nos davam um papelito com um número e que nos chamavam dizendo o número desse nosso papel, através de uma maquineta que aumenta a voz. O volume, é isso, o volume da voz. Mas até nos chamarem... E depois as pessoas, muita gente, uma pessoa nem sabe contar tantas vidas.

As pessoas já nem sabiam como estar nas cadeiras enquanto esperavam, outras já nem cadeiras conseguiram arranjar e iam esperando em pé, encostadas à parede, balançando entre uma e outra perna, uma e outra perna, uma e outra, e assim tentavam passar o tempo. Até havia gente de cócoras para aliviar as pernas. Homens, claro, que as mulheres não se agacham assim, em público, é coisa feia e parece mal. Claro, em casa é diferente, olhe o meu caso, que tenho de me agachar tanta vez, se não estava tramada, não fazia nada como deve ser. Mas isso sou eu e em casa, claro, agora ali, não, não podia ser.

E, sim, ainda consegui arranjar um lugar sentada, ao pé de uma planta que estava num vaso grande, de latão, encaixado num canto. A planta estava cheia de sede, não sei quem se possa esquecer de regar as plantas, se há coisa que não nos podemos esquecer é de as regar para estarem bonitas, dão outro ar às casas. Eu sei que não era uma casa, no caso, mas percebe o que estou a dizer. Dali dava para ver toda a sala de espera, sim, estava num canto com vista para tudo, para aquele amontoado de gente, desculpe o termo, mas era isso mesmo que parecia, um monte feito de gente, era isso que seria se as pessoas se pusessem umas em cima das outras, salvo seja, mas talvez até fosse mais agradável do que aquelas cadeiras. Deus me perdoe, que eu até tive sorte de me sentar numa e não ficar de pé a dar cabo das pernas.

Não que não esteja habituada, sabe bem que estas pernas já aguentaram e aguentam muito e é assim mesmo, temos de trabalhar, mas no que uma pessoa as puder poupar, pronto, nesses bocaditos assim como este, de espera, tanto melhor, não é, enfim, aquelas cadeiras eram rijas, mesmo

duras, mas pronto, pelo menos sempre seguravam o peso do corpo, em vez dos pés.

Até me fizeram lembrar as cadeiras da instrução primária, ai, há tanto tempo, credo, do que me fui lembrar, mas assim já vê como eram rijas as cadeiras, as desta sala de espera e as da escola, pois, que foi delas que me lembrei. E não me lembro de muito mais, sabe, também ia lá tão poucas vezes, à escola. Era complicado, era, era diferente, só depois é que se começou a dar importância a isso e mesmo assim...

É, mas era diferente. Eu e os meus cinco irmãos tínhamos de ajudar os meus pais na lavoura, nem sempre podíamos ir à escola, era assim. Ainda me recordo das cadeiras e do apontador de madeira da professora, ela estalava-o nas minhas costas ou onde calhasse, para tentar ajudar-me a aprender naquele mapa que estava pendurado ao lado do quadro de lousa. Aquele mapa sempre me intrigou, eu às vezes tenho destas coisas, desde pequena, como vê, sempre me fez confusão aquele mapa, tinha muitas terras, mesmo do nosso país, terras além do mar, está a ver, território ul-tra-ma-ri-no, era assim que a professora queria que eu dissesse e eu sem conseguir dizer como deve ser e preocupada por aparecerem todas essas terras, mas a nossa vila, a vila onde estávamos, ali, na escola, não, não estava no mapa. Não estava identificada, não tinha nada escrito e aquilo fazia-me confusão, era pequena. Mas é isso, há coisas pequenas com tão grande tamanho que não cabem em mapas nem histórias, mas existem.

Pois é, não havia nadinha naquele mapa que nos fizesse reconhecer a vila, de maneira que se pudesse dizer, é mesmo aqui, fica aqui, nós estamos aqui. Também, olhe, depois acabei por vir para Lisboa e fui-me esquecendo do mapa, estou a lembrar-me agora, como vê. Do dia em que soube que vinha para aqui é que nunca mais me esqueci. Dores e sangue. Por acaso também fui à escola nesse dia. Como ia a dizer, primeiro as dores.

As dores no vazio do estômago, onde as tinha quase sempre. Mas também mais abaixo, um pouco mais abaixo, perto da púbis. Eu não sabia o que eram aquelas dores que me arranhavam por dentro, nem o que era a púbis, pobrezinha, franzina, intacta. Sem saber muito bem o que fazer, agarrei-me e fiquei assim, está a ver, a agarrar o ventre durante um bocado. Dei por mim a olhar para a geadá, ali, a nascer do chão, e eu quieta, parecia quebrantada, a olhar para o nada, comecei a dar festinhas nas feridas dos meus pés. Era assim, a gente andava descalça, já nem os pés sentia, mas eu ali, a olhar para eles, parece que até senti pena, nem sei. Ou então sou eu agora que estou a achar que senti, por me lembrar que estava a afagar os pés. Eu era uma criança, pois, e as crianças sabem lá por que é que fazem o que fazem.

Parecia mesmo que me estavam a puxar as entranhas para as arrancar e trazer cá para fora. Olhe, agora que falo, está a ver que as crianças, às vezes, não sabem o que fazem nem o que pensam, veja lá que naquele momento eu pensei que se estava a cumprir o castigo que a minha mãe me prometia algumas vezes, quando estava danada com os meus irmãos ou com o meu pai. Com os meus irmãos por causa do trabalho na lavoura, com o meu pai porque ele se metia nos copos, mas

pronto, ela depois é que apanhava e calava-se, com certeza, sempre teve respeito pelo meu pai, como todos nós, claro. E, pronto, ficava danada comigo e dizia que me punha as tripas ao sol. Veja lá do que me fui lembrar, tais eram as dores que eu sentia.

E, olhe, ali, de repente, estiquei-me de barriga para baixo, fui ficando encharcada, os trapos que eu trazia vestidos foram absorvendo lentamente o gelo da geada e eu ali estava, parecia que, por momentos, as dores tinham aliviado e eu pensei que se o gelo era capaz de aliviar as dores do corpo, também seria capaz de aliviar as das entranhas, então comecei a comê-lo. Engolia a geada, engolia a geada, engolia, porque não havia mais nada para engolir. Só geada, vazio e fome. Ah, sim, tantas vezes engoli fome, nada mais havia, a não ser essa ausência. E, mais uma vez, já viu, que vergonha, lá estava eu a fazer coisas que ninguém se lembraria de fazer.

Então, como eu estava a dizer, primeiro as dores, depois o sangue. Uma mancha da cor das cerejas maduras a escorrer de mim, a crescer por mim afora, a rodear-me numa poça, vermelho-vivo. Depois aprendi que se pode dizer carmim ou encarnado, mas isso já só aprendi mais tarde, com a senhora, a senhora só usava assim, encarnado, quero dizer, usava nos modos, na fala, na roupa não, que era muito elegante e discreta. Nesse dia, fiquei sem saber se a geada que tinha engolido me tinha feito sangrar, coisas mais importantes ia eu ficar a saber.

Cheguei a casa, imunda, eu, a casa não. Era uma casa muito pobre, sim, mas a minha mãe sempre foi muito asseada, tanto era que recebemos a tal notícia de vir para ao pé da senhora. Foi nesse dia, pois, quando regresssei da escola, o meu pai estava a dormir de boca aberta na poltrona de madeira já podre, era o que havia, enquanto a minha mãe estava a fazer uma sopa muito aguada, havia mais água que legumes, era o que era, mas não estava danada, estava agradecida.

Eu nem percebi bem quando me contou, ela juntava as mãos e levava-as de encontro do peito, era milagre, eu ia para Lisboa, para ao pé da senhora. Pareceu-me logo coisa importante, ir para Lisboa. Pelo menos, eu sabia onde Lisboa ficava, estava identificada no mapa da escola, era a capital do Império Ul-tra-ma-ri-no. Sim, minha senhora, com certeza, minha senhora, é para já, minha senhora. A minha mãe ensinou-me de imediato, pediu-me para obedecer sempre, que é isso que se faz quando os milagres se nos acontecem, e eu assentia, enquanto as frases na minha cabeça pareciam ecos para a minha senhora. E eu rezava, avé Maria, cheia de graça, para não me enganar como na escola, não fosse a senhora ser professora.

Até eu sabia onde ficava Lisboa, por causa do tal mapa, mas nem sempre havia maneira de cá chegar. Então para nós, ali, numa vila que nem nome no mapa tinha, era complicado. Tínhamos primeiro um outro desafio, o de chegar à cidade mais próxima, que ficava ainda a quase cinquenta quilómetros de distância e só depois é que conseguíamos arranjar transporte para aqui chegar. Não trouxe muitas coisas, então, pois, que haveria eu de trazer se pouco tinha e tão franzina, até o cartão da mala era chumbo.

E não ia precisar de muito, em casa da senhora teria o que me bastasse. Trouxe uns sapatos

emprestados que me apertaram durante toda a viagem, mas que lindos eram e eu já não parecia tão sem graça. Se eu antes tivera sabido que trabalhar em Lisboa, em casa da senhora, dava direito a um par de sapatos emprestados, acho que me tinha feito ao caminho mais cedo, quisesse a senhora, com certeza.

Não me recordo muito da viagem, foi muito tempo, parecia que nunca mais ia chegar a Lisboa. Olhe, parecia hoje, horas, horas, horas à espera, acho que adormeci várias vezes. Os meus pés pareciam as galinhas que a minha mãe costumava matar na altura do Natal. Escolhia as mais gordinhas. Só em casa da senhora é que eu soube o que era bacalhau, já que falei no Natal, lembrei-me disto e é verdade.

Pois é, mas pelo menos não estava descalça, a minha mãe disse sempre que os sapatos faziam diferença, mais tarde percebi o que é que a minha mãe queria dizer com isto dos sapatos, só não percebi porque é que o seu pai, não o seu, o de minha mãe, meu avô, era sapateiro e andava descalço, com certeza a nossa família teria algum problema nos pés, foi o que me ocorreu, não devia haver sapatos para o nosso tamanho.

Credo, que vergonha, já imaginou eu chegar assim, descalça, a casa da senhora, não que a senhora não soubesse, mas uma coisa é saber, outra coisa é pisar o chão de sua casa, tão linda, que casa linda, ai, que linda casa. As divisões eram amplas, luminosas e arejadas. Na sala havia um piano, mas quando eu cheguei eu não sabia o que era um piano, aliás eu não sabia sequer o que era um instrumento, acho que isso também só aprendi o que era em casa da senhora. Era naquela sala que as filhas da senhora aprendiam música, que coisa tão linda, aquelas teclas brancas e pretas a dar som.

Não foi lindo desde sempre, não é, não é fácil, as meninas iam aprendendo, todas as semanas, e assim iam melhorando mais e mais. Quando eu cheguei a casa da senhora, não é que não soubesse já fazer algumas coisas, pois que sabia, a minha mãe desde cedo me ensinou, mas claro, tive de conhecer a senhora e perceber como queria as coisas e há sempre coisas para apender a fazer melhor, como limpar as pratas, por exemplo, eu não sabia limpar as pratas até ir para Lisboa, para casa da senhora. Eu não sabia o que eram as pratas, só tinha lavado louças de barro que a minha mãe tinha no seu enxoval. Estamos sempre a aprender, não é assim que se diz, e assim estavam a fazer também as meninas da senhora nas aulas de piano. Para fazermos as coisas bem feitas, é preciso prática, não sei se a minha mãe ainda teve tempo de me dizer esta ou se terá sido a senhora, não sei, agora digo-a eu.

Durante o dia havia sempre o que fazer. As grandes limpezas começavam com a semana, à segunda-feira, a senhora queria que fizesse umas limpezas mais a fundo e fazia sentido, a senhora era muito organizada, lá isso era. Assim começava-se logo a semana a dar uma volta a tudo, ao acumulado da semana de trabalho e do almoço domingueiro. Fazia as camas de lavado, varria o soalho de madeira com uma vassoura fina e encerava-o, varria o mosaico da cozinha e passava um pano húmido com detergente. O pó era limpo em todas as arestas de todos os móveis e ai de mim se me

esquecesse de passar o pano nas molduras dos quadros pendurados nas paredes ou nos bibelôs da senhora.

No escritório do senhor eu só podia mexer, quero dizer, limpar, quando ele estivesse presente, era assim, no escritório só entrava o senhor, eram dele as coisas mais valiosas. E então eu só entrava para limpar quando ele dava autorização e mais nada. As louças dos almoços de domingo eram lavadas, secas e arrumadas no louceiro grande da sala. A senhora dizia que era de pau preto e eu calculei que estivesse a falar da qualidade da madeira, dizia que era exótica.

Tudo isto devia ser feito logo pela manhã, até ser hora de começar a preparar o almoço para a senhora. O senhor almoçava sempre fora de casa, durante os dias da semana, às vezes também jantava fora, eu nunca sabia ao certo, as meninas estavam no colégio e só regressavam mais à tarde, mas a senhora almoçava sempre. Às vezes olhava para a senhora, eu naquele canto da sala conseguia ver tudo, como hoje de manhã, mas em vez de estar sentada numa cadeira, estava de pé, como a planta no vaso de latão. Olhava para a senhora, ali, e eu, especada, sempre preparada para lhe ir buscar o que quisesse, era só pedir, minha senhora, não queria que lhe faltasse nada e via-a ali, sentada à mesa grande da sala maior ainda, a comer sozinha, comigo, ali de pé, vigilante, dei por mim a olhar para a senhora com os olhos com que olhei para os meus pés descalços e gretados, naquele dia da geada e do sangue, e também lhe dei festinhas, mas com os olhos, com a sua licença, não me leve a mal.

Depois das limpezas à casa, era a roupa. Da senhora, das meninas, do senhor. Tudo lavado e engomado com aquele ferro que a senhora tinha, já elétrico, sempre com as melhores ferramentas para trabalhar, lá isso era, tudo ali ao dispor para fazer o melhor, lá está, para fazer as coisas bem feitas é preciso prática e boas ferramentas, acrescento agora esta parte, que fica aqui muito bem, não lhe parece. Mas sim, claro, uma boa criada tem de saber fazer as coisas da casa como deve ser, mesmo sem os melhores utensílios, o que quero dizer é que a senhora lá nisso não falhava, nem nisso nem em coisa nenhuma, claro, o que quero dizer é que não havia desculpas para não se fazer um bom trabalho, essa é que é essa.

As roupas da senhora eram muito bonitas, não me leve a mal, mas eu nunca tinha visto roupas assim, tão delicadas, cheias de pormenores, tudo feito à sua medida, ao seu gosto, não deve haver coisa melhor, ter as coisas ao nosso gosto, que nos assentem como uma luva. Por falar nisso, até nos acessórios, como a senhora dizia, a senhora tinha um gosto... Eu nunca vi, a senhora sabia conjugar tudo. E as suas jóias, requintadas, como a senhora.

Eu até tinha medo, confesso, de mexer nas suas roupas, mas ao mesmo tempo, sentia-me bem, sabe, podia tocar naqueles vestidos, sentia-me assim uma princesa, sei lá, a senhora para mim era um exemplo, tão limpa, tão elegante, com boas maneiras. Eu nunca ia ser como a senhora, nem fui, mas cuidar das suas roupas fazia-me sentir assim mais perto de ser o que não podia. Deve ser isso, a fantasia, já sabe como é esta cabeça, mas uma pessoa tinha que fazer, claro, o que não podia

ser não existia e voltava-se ao trabalho, que era para isso que ali estava.

O senhor também andava sempre apumado, com a sua licença, queira desculpar, não é essa a intenção, claro, até porque a senhora sabe como sou, mas aqueles fatos tinham muito bom corte e os tecidos eram muito bons, como os da senhora. Agora que penso, será que compravam na mesma loja, só pode, qualidade daquela não se comprava em qualquer lugar e o senhor e a senhora gostavam de comprar nos mesmos sítios, apesar de, eu sei, o senhor ia a um alfaiate e a senhora a uma modista, eram coisas diferentes, também aprendi isso com a senhora. Aos homens o que é dos homens e, apesar de ser trabalho de corte e costura, um fato de alfaiate não se compara a um vestido de modista. Era assim mesmo, os fatos dignos do senhor doutor, que trabalhava tanto.

O que mais me custava eram aquelas tardes em que dava a volta aos sapatos. Não desfazendo, mas sempre me custou, quando os limpava e engraxava, ficava com a graxa nas mãos e debaixo das unhas, o que era um problema, a senhora sabe, sempre levei os dedos à boca para roer as peles e as unhas, vá se lá saber porquê. Eu sei, eu sei a senhora não gostava nada, mas era mais forte que eu, parecia que queria arrancar bocados de mim, sabe Deus para quê. Agora que penso, será que queria fazer com os meus bocados o que fiz com a geadá, olhe, só Deus sabe, porque esta cabeça foi o que sempre lhe disse, desde que sinto que a tenho, lembra-se de coisas que mais ninguém se lembra.

A senhora gostava dos sapatos organizados por cor e eu, apesar de me custar o trabalho com a graxa, aí, eu tinha esmero em ordenar a sapateira da senhora. Primeiro, as cores mais sóbrias, como dizia a senhora, depois as cores mais espampanantes, não leve a mal, que eu sei e já disse que a senhora era muito elegante e discreta, mas, ainda assim, tinha um ou outro par de sapatos de cores mais vivas, para ocasiões mais especiais. Eram poucas, eu sei, mas aquelas cores nos sapatos ficavam muito bem, diferentes, eu acho que a senhora gostava. Dessas cores e da organização que lhes dava, não sei se se lembra, até me incentivava a fazer melhor das próximas vezes, parece que ainda a oiço dizer, Lourdinhas, para a próxima quero melhor. Era assim, sempre a puxar por mim, salvo seja, quero dizer, a dar-me, como é que a senhora dizia, isso, motivação.

E chamava-me assim, Lourdinhas, sempre assim me chamou, quando estava satisfeita, quando queria dar-me a tal motivação, pelo menos era assim que eu entendia, se eu estiver equivocada, as minhas sinceras desculpas, mas acho que estou certa. E, mesmo já mais tarde, a senhora, quando me queria incentivar, tratava-me por Lourdinhas, mesmo mais velha, a senhora sempre me viu pequenina, como quando cheguei a sua casa no primeiro dia, com os pés inchados, pareciam as galinhas que a minha mãe matava pelo Natal. Isto eu já disse, eu sei, mas era mesmo o que pareciam os meus pés, duas galinhas inchadas para matar no Natal, mal eu sabia que os sapatos me iam dar tanto trabalho.

Não me estou a queixar, não, não me leve a mal, a graxa nas mãos e nas unhas é que me incomodava, mas, claro, o problema era meu, a culpa era minha por ter esta mania de roer os meus bocados. O senhor também tinha alguns sapatos, sempre os achei muito parecidos. Se calhar é de

mim, que não percebo nada de sapatos, mas o senhor gostava que eu o ajudasse a calçá-los. Nessas alturas, também me tratava por Lourdinhas e dizia que as minhas mãozinhas tinham mais habilidade para mexer nos atacadores, alguns mais finos que um fio de lã, verdade seja dita.

Agora, conforme estou a falar, penso que tive muitos nomes em Lisboa. Na maior parte do tempo fui criada, mas fui também sopeira, acho que antes de ser criada, era isso, sopeira. Depois fui serviçal, empregada, doméstica ou as duas juntas. Quando a senhora e o senhor me chamavam de Lourdinhas, assim eu o era, mas nunca fui Maria de Lourdes, que, na verdade, era o meu nome, composto assim, sem nunca ser tanto como empregada doméstica.

Conheci mais Marias de nome composto, a Maria de Fátima, a Maria da Conceição, a Maria da Assunção, como a da nossa senhora, não a senhora, a nossa, a de todos nós, pois, claro, todas éramos Marias de alguma coisa e nunca nossas. Até as meninas, até para elas eu era a criada, era assim que elas me tratavam e bem, claro, outra coisa não era eu, elas estavam certas.

Era, era uma alegria, ao final do dia, já depois do pó, das louças, das roupas, preparar-lhes o jantar. Sim, claro, também para a senhora, já com mais ânimo, pela companhia das meninas, tão queridas as meninas. Para mim, eram, às vezes até me deixavam comer algumas sobras, a senhora não se zangue agora, mas é verdade, desculpe, sei que lhe devia ter contado, mas que pode a senhora esperar de mim, esta criada, que tanto aprendeu consigo e cuidava das meninas como bonecas de porcelana imaculada e eu já bem cuidava das de trapos, por isso pode acreditar que as estimava.

E elas a mim, claro, que até me deixavam comer algumas sobras de vez em quando, como estava a dizer, tão bondosas que eram. Não, não era sempre, não se aflija a senhora, eu percebia logo quando recolhia os pratos da mesa da sala para a pia da cozinha, lá deixavam uns pedacinhos de comida no prato e eu, claro, já sabia que naquela noite teria de contar-lhes uma história antes de adormecerem. E já sabe, devemos sempre obedecer quando os milagres se nos acontecem e era isso que eu sentia que me acontecia quando via o sobejo das meninas nos seus pratos.

Eu lá inventava histórias na minha cabeça para lhes contar, até me sentia capaz de alguma coisa, sabe, pensava, se as minhas meninas gostam... Sempre me pareceram mais novas, mas bem sei, bem sei, minha senhora, que já eram meninas como eu, não como eu mesmo, mas a senhora entende-me. Olhe, seja lá como for, elas gostavam de me ouvir, não que eu dissesse alguma coisa de jeito, como agora não digo, são coisas assim, desta cabeça, mas elas lá ouviam e certo é que adormeciam, ali mesmo, na caminha delas, com cheiro a lençóis lavados e um leve aroma de lavanda no ar, que a senhora já sabe que eu nunca me esquecia de mudar os raminhos das gavetas, ah, pois, claro está. E que gosto eu tinha em vê-las adormecer.

Numa dessas noites, ainda me lembro, já no fim de contar duas ou três histórias, as meninas perguntaram-me se eu não tinha outro nome, sem ser criada, coitadinhas, deviam achar o meu nome feio. Qualquer um seria, à beira do nome das meninas, verdade seja dita. Pois, foi o que lhes disse, mas não me responderam, acho que não me ouviram, já sabe como é, apanhei-me ali, deitada

no tapete, a olhar para o teto, já depois de duas ou três histórias, comecei a roer os meus bocados, as minhas peles das unhas, as minhas unhas e de novo as minhas peles das unhas, Maria de mim e dos meus bocados, acho que não me ouviram ou então adormeceram, é bem capaz de ter sido isso.

Às vezes parece que não nos ouvem ou então estamos distraídas a comer os nossos bocados. Olhe, como hoje de manhã, veja lá bem a senhora, que finalmente quando me chamaram lá pela maquineta que aumenta o volume da voz, a mim, como quem diz, ao número que me deram, consegui falar com a senhora que estava no guichê que sim, tinha trabalhado muitos anos em sua casa, não na dela, mas na casa da minha senhora, e a senhora, a do guichê, sem ter como ver lá nos papéis dos arquivadores. Ainda procurou, procurou, procurou e eu já nervosa por estar a atrasar aquela gente toda que estava na sala de espera, só pensava quantas vidas estaria eu a empatar, mas lá a senhora do guichê disse que não conseguia encontrar nada. Além de obedecer, quando os milagres se nos acontecem, talvez também não os possamos contar. Os meus anos de trabalho em casa da minha senhora não estavam registados, disse a senhora do guichê. Olhe, estavam como a minha terra no mapa da escola.

Odemira
MUNICÍPIO